

Directora: **Nassalete Miranda**  
15 Abril de 2020  
N.º 263 e 264 | Preço: 2 euros  
Quinzenalmente às quartas

# AS ARTES ENTRE AS LETRAS

25 de Abril

46 anos  
(con) Liberdade



## Vencer o medo



«Haverá sempre Primavera», de José Rosinhas,  
2016. Técnica mista sobre papel.

EM DESTAQUE | Págs. 3 a 10

*“E pur se muove”*

(Galileu Galilei)

Por: Guilherme d'Oliveira  
Rui Nunes  
Paulo Ferreira da Cunha  
Helena Mendes Pereira  
Margarida Negrals  
Helena Teixeira  
Norma Pott  
Manuel Paulo  
Carlos Fiolhais

LITERATURA | Págs. 11 a 14

Romancear  
o futebol?!

Por: Júlio Contado

*As Literaturas  
em Língua  
Portuguesa,*  
de José Carlos  
Seabra Pereira:  
Um marco  
literário amplo  
e de inclusão

Por: Paulo Samuel

SALAZAR  
ou a biografia  
do homem  
que se tornou  
ditador

Por: Ramiro Teixeira

TEATRO | Pág. 27

Novas e velhas  
mudanças no  
tecido teatral  
portuense

Por: Mário Moutinho





SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.  
Capital Social: 5000 €  
Número de Certidão: 0232-6801-3200  
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

**AS ARTES ENTRE AS LETRAS**  
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.  
4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel: 91 803 56 76  
E-mail: artesentreltras@gmail.com

**Publicidade**  
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.  
4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel: 91 803 56 76  
E-mail: singplural@gmail.com

## FICHA TÉCNICA

**DIRECTORA:** Nassaete Miranda  
**EDITORA:** Isabel Fernandes  
**FOTOGRAFIA:** Ângela Velhote  
**GRAFISMO:** Pedro Cunha  
**PAGINAÇÃO:** Pedro Cunha  
**SITE:** Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira

## SEDE DE EDITOR E SEDE DE REDACÇÃO

**CONTACTOS:** Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel: 91 803 56 76  
E-mail: artesentreltras@gmail.com

**REGISTO NA ERC**  
125685

**IMPRESSÃO**  
Selec - Artes Gráficas, LDA  
Rua de Sistelo, 666  
4435-452 Rio Tinto - Telef: 224 854 290

*Estatuto Editorial disponível no site [www.artesentreltras.com.pt](http://www.artesentreltras.com.pt)*

## PROPRIEDADE:

Singular Plural

## NIF

509578942

## TIRAGEM

1250 exemplares

**ISSN 1647-290X**

**DL: 435812/17**

*Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais*

## CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | António Vitorino d'Almeida  
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo  
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco  
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya  
Levi Guerra | Lúcia Jorge  
Mário Cláudio | Maria Luísa Malato | Miguel Cadilhe  
Rui Nunes | Salvato Trigo

## COLABORADORES ESPECIAIS

**A. Campos Matos** | Adello Gonçalves | **André Veríssimo**  
António Ferro | **António José Borges** | António José Queiroz  
**António Oliveira** | António Simões Netto | **Armando Alves**  
Artur Serra Araújo | **Diogo Alcoforado** | Carlos Cabral Nunes  
**Cristino Cortes** | Domingos Lobo | **Eugénio Lisboa**  
Francisco d'Ulália | **Francisco Simões** | Guilherme d'Oliveira Martins  
**Gomes Fernandes** | Helder de Carvalho | **Helder Pacheco**  
Helena Mendes Pereira | **Inácio Nuno Pignatelli** | Isabel Pereira Leite  
**Isabel Ponce de Leão** | Jorge Castro Guedes | **Jorge Sanglard**  
José António Gomes | **J.A. Gonçalves Guimarães** | J. Esteves Rei  
**José Carlos Seabra Pereira** | Júlio Conrado | **Lauro António**  
Levi Guerra | **Luis Cabral** | Manuel Sobrinho Simões | **Manuela Aguiar**  
Margarida Negrais | **Maria Antónia Jardim**  
Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira | **Maria Luísa Malato**  
Maria Virginia Monteiro | **Paulo Ferreira da Cunha** | Ramiro Teixeira  
**Rodolfo Alonso** | Rodrigo Magalhães | **Rudesindo Soutelo**  
Silvina Pereira | **Vasco Rosa**

## PARCERIAS



## APOIOS



Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do **EuroBic**



**Nassaete Miranda**  
directora

# Entre Sentidos

*As camélias sorriram  
A primavera encobre o caos  
Recruto asas azuis*  
Isabel Saraiva

E eis que se soltaram algumas das palavras fechadas a medo na Literatura e na História. Pandemia, cordão sanitário, quarentena, estado de emergência, isolamento e contágio libertaram-se para aprisionar o mundo. O culpado, um vírus feio, invasor (estou farta de o ver como imagem de fundo nos telejornais; alguém faça o favor de o matar), mas que será vencido. Não sabemos quando, mas sabemos que tudo o que nasce... morre!

Neste intermezzo a que fomos remetidos, muito contra a nossa vontade, é preciso reinventar a vida familiar, laboral, social, partir à procura do sentido da existência e (re)descobrir a falta que nos faz o que está dentro de um abraço.

Aqui, no nosso jornal, tivemos de optar pelo formato digital. Já cá estávamos, mas apenas para assinantes que preferiam esta opção. No contexto de confinamento actual a que estamos (livremente) obrigados, esta é a forma encontrada para nos mantermos juntos. Parece ironia de um destino qualquer para este jornal que se atreveu a nascer em edição impressa em Maio de 2009, em plena crise económica e financeira do País, em dias muito difíceis para a comunicação social, particularmente para a imprensa!

Mas cá se está. Hoje com mais quatro páginas e com a preciosa colaboração de todos aqueles que conosco partilham a crença de que a Cultura é uma arma fundamental em qualquer combate, sanitário incluído. O que se lamenta é que continue a ser pouco apoiada, o que arrelia é ver o sector cultural ser constantemente remetido para o fim de qualquer lista de prioridades, do Estado aos privados. Sim, há mecenas; quase sempre os mesmos na linha da frente. Mas são poucos para tantas necessidades. Sim, a saúde, a justiça, a educação, a habitação, a alimentação estão, como deve ser, nos lugares cimeiros das preocupações de todos, mas com Literatura e Arte, as mais diversas, teremos as ferramentas necessárias para saber escolher melhor saúde, melhor educação, etc., porque é através do conhecimento que somos livres.

Esta edição, que pretendemos disponível para todos, basta acederem ao nosso site [www.artesentreltras.com.pt](http://www.artesentreltras.com.pt), clicar na opção assinaturas, depois clicar em registo e seguir as indicações, assinala, deste modo, uma vida nova, enraizada nos propósitos que nos regem há quase 11 anos e que estão plasmados no Estatuto Editorial que segue abaixo. Muda "a embalagem", não o conteúdo!

Uma palavra de agradecimentos para todos os que acreditam no trabalho e caminham a nosso lado. Nada se faz sozinho. Juntos somos capazes de feitos absolutamente extraordinários.

A cada um, boas leituras em artes feitas, em casa com o corpo, no mundo com a alma!

## ESTATUTO EDITORIAL

"As Artes entre As Letras" é um jornal quinzenal que nasce em Maio para florir entre debates de ideias, da História e do Património, das Artes Plásticas e da Arquitectura, da Música e da Ciência, da Filosofia e da Literatura, do Teatro e do Cinema, da Dança e da Fotografia, mas também da Lusofonia e do Ensino e Educação.

São estes os nossos pilares, que assumimos sem preconceitos como jornal livre e independente.

Sem complexos haverá lugar para a opinião e para a crítica, no respeito pela liberdade de expressão, mas também pelos códigos da Ética e da Deontologia jornalísticas.

A Cultura é o nosso meio e o nosso fim, privilegiando a informação que escasseia ou é inexistente na imprensa portuguesa.

Propomo-nos contribuir para o desenvolvimento cultural do nosso País através da palavra escrita e da imagem impressa.

Somos um projecto jornalístico cultural mas também cívico, na convicção de que Cultura e Cidadania devem caminhar a par.

Faremos do passado o nosso futuro, num exercício permanente de criatividade e de inovação sem perder o vínculo às nossas raízes.

Lusofonia - nossa Mãtria

Portugal - nossa Pátria

Cultura - nosso Mundo

Porto - nosso berço

## PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTRELTRAS.COM.PT

**À venda:** Porto - Poetria, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis, Livraria Lello, Árvore, Unicepe, Tabacaria Batalha (Praça da Batalha, 151) e Tabacaria Maria Margarida (Rua Antero de Quental, 472), Tabacaria Santo António (Rua 31 de Janeiro, 20), Tabacaria O Papelão (Rua da Constituição, 15) **Gaia** - El Corte Inglés, Livraria Velhotes (Rua Gil Eanes) **Póvoa de Varzim** - Tabacaria Praça Marquês do Pombal **Vila Real** - Livraria Traga-Mundos



Guilherme  
d'Oliveira Martins  
Centro Nacional de Cultura

Em destaque

# Um momento difícil de ler.

Para comentar o momento de confinamento que vivemos, sob a ameaça do Covid-19, Filomena Molder invoca Pierre Hadot (1922-2010) e o seu livro “Não te esqueças de viver” (Relógio d'Água, 2019), no ponto em que nos apresenta um conjunto de exercícios espirituais, que devem ser lembrados: (1) Ter atenção ao presente (a coisa mais difícil, num tempo em que a ansiedade e o medo imperam, gerando simplificações e ilusões); (2) Distanciar-se, inventar um pequeno intervalo entre mim e a minha vida, deixando cair o imediato; (3) Alargar o ponto de vista, evitar a parcialidade satisfeita; (4) Imaginar a leveza, isto é, exercitar a esperança. (cf. Público, 29.3.2020). Mas que significam afinal estes exercícios? Perante esta interrupção, temos de ter consciência que devemos redescobrir o essencial. Num momento avesso à reflexão e à adequada utilização do tempo, há oportunidades novas para distinguir o fundamental e o acessório. Subitamente, percebemos que há muito ruído que nos perturba. Como afirma Walter Osswald: “Fechado o capítulo da pandemia seria irresponsável fazer tábua rasa do sofrimento, dor e prejuízo para retomarmos os velhos hábitos, a anemia social, o individualismo exacerbado, a tentação do domínio total das forças da natureza, o cientismo acrítico”...

Eis o que está em causa. Se uma grave crise económica se prenuncia, tal deve-se a termos uma sociedade com pés de barro. Não tirámos as lições certas da crise de 2008. E não compreendemos o que Marina Mazzucato nos afirma no seu livro “O Valor de Tudo - Fazer e Tirar na Economia Global” (Temas e Debates, 2019). “A História mostra que a inovação resulta de um enorme esforço coletivo, não é obra de um pequeno grupo de homens brancos na Califórnia. Há que ter em mente este facto se queremos resolver os grandes problemas mundiais”. Daí a importância das políticas públicas, como catalisadores de energias e da capacidade inovadora da sociedade. Acreditar cegamente no mercado, significa deixarmos que a lógica do ganho fácil prevaleça sobre a criação de valor. Veja-se como os egoísmos emergem, em lugar de se cuidar do desenvolvimento e de uma economia que defenda as pessoas. Quando na União Europeia falta so-



FOTO: DR

lidariedade, prevalece a lógica fragmentária, cujos efeitos são mais dramáticos no contexto desta pandemia. Como afirmou há pouco Jacques Delors, consciência moral da Europa, se não houver partilha de responsabilidades, a União destrói-se e põe em causa a paz e o desenvolvimento. O Papa Francisco diz-nos que a economia mata...

José Gil alerta: “Este confinamento não é um lazer. Mesmo que haja quem consiga transformar este tempo em tempo de ócio, coletivamente isso é impossível. O tumulto e a catástrofe que desabam sobre o nosso país e sobre o mundo todos os dias não podem deixar de nos angustiar. No entanto, além do que a transformação da vida quotidiana traz de novo ao indivíduo - que muitas vezes descobre uma vida nova (mas nunca sossegada e livre) - está a formar-se um outro espaço de comunicação entre as pessoas. Trocam-se *e-mails*, poemas, mensagens mais pessoais e próximas, textos, frases nunca anteriormente possíveis. Isto implica uma ação - que se revela necessária, às vezes, no fechamento em que estamos. Este espaço coletivo de comunicação (que não é um espaço público ou de opinião pública) vai desenvolver-se e, talvez, modificar um pouco as relações entre as pessoas”... (Público, cit.). Mas os filósofos não são detentores da sabedoria universal, não têm respostas, tendo, porém, o dever de ajudar a pensar. Se há dilemas dramáticos postos aos profissionais de saúde, que estão na linha da frente, temos de encontrar espaços de ação para os cidadãos comuns que podem ajudar. Já ficando em casa, podemos romper o ciclo infernal da transmissão do vírus.

Ainda Filomena Molder lembra Hermann Broch a dizer que todo o esforço humano está em transformar o medo da morte em gesto de dar forma à vida... E o povo diz que não

devemos morrer de véspera. Importa combater e resistir, e assim podemos vencer a pandemia e prevenimos os piores efeitos da recessão económica anunciada. Somos chamados a combater a ilusão e a mentira. Mas como preservamos a liberdade e a responsabilidade? Lembremo-nos de Montaigne ou de Espinosa, de Pascal ou de Wittgenstein... “A vida é um bem, não é um facto”, dizia Fernando Gil. E à pergunta de Santo Agostinho: - pode o homem ser feliz e ser mortal? - res-

ponde Clarice Lispector - “amar a vida mortal, isso é a felicidade”. Eis, por que razão devemos aproveitar este momento para fazermos da cultura e da aprendizagem, do exemplo e da experiência marcas que compreendam a importância da diversidade e da nossa relação com os outros. Precisamos de ter a coragem de dizer a verdade e de assumir plenamente. Como recusar a ilusão, num tempo de fake news e de limitação da liberdade e da democracia? “Se os erros lógicos forem identificados instantaneamente ou as motivações de quem fala compreendidas graças ao desmontar dos argumentos, torna-se mais fácil uma resposta rápida e eficiente”. - como nos ensina Eugénia Cheng em “A Arte da Lógica num mundo ilógico” (Temas e Debates, 2019). Por isso a educação e o primado da aprendizagem distinguem a civilização da barbárie. Em vez de berrar mais alto ou de dizer que somos estúpidos por discordar de alguém, devemos usar a lógica, pondo as pessoas de sobreaviso quanto às simplificações grotescas... A pandemia deixará lições? A recessão económica revelará a repetição dos erros passados? Como tomamos consciência da destruição do Planeta e do meio ambiente? Como compreender o papel das políticas públicas na mobilização da sociedade e na criação de valor? As incertezas podem ensinar-nos a lidar melhor com os problemas, desde que a vontade e entejada ocupem o lugar do egoísmo. Não viveremos, como Jorge Calado perguntava (Expresso, 28.3.20), uma reação da natureza ao desequilíbrio ecológico imposto pela ganância da humanidade?

## NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura





**Rui Nunes**  
prof. catedrático da UP

# Arte, Igualdade e Solidariedade

São bem conhecidos os valores ético-sociais que, do espírito da revolução francesa, se difundiram globalmente e tornaram o nosso planeta mais próspero e desenvolvido. Liberdade, igualdade e solidariedade tornaram-se, então, no referencial axiológico e normativo de todas as democracias pluralistas.

A liberdade, sim a liberdade para que cada um de nós se reinvente continuamente, e desenvolva plenamente os seus talentos e capacidades. Para que cada pessoa atinja o seu pleno potencial. Mas, a liberdade individual só faz sentido, e só é concretizável, se cada pessoa perceber que não existe isolada, mas que vive com e para os outros. E é sobretudo em momentos dramáticos - como a recente pandemia pelo coronavírus - que se torna essencial percebermos que liberdade individual é também sinónimo de desígnio coletivo, fazendo parte integrante do nosso humanitarismo comum.

Porquê? Porque todos nós somos diferentes no que respeita aos nossos projetos de vida, aos nossos sonhos, ou ao modo como expressamos a nossa criatividade. É isso que nos faz únicos, irrepetíveis, e é a liberdade que permite a individualidade, e que afirma a identidade. Mas somos todos iguais no nosso valor intrínseco, na nossa dignidade. E esta igualdade bá-

sica, reconhecida formalmente no vasto elenco de direitos humanos fundamentais, é também uma igualdade biológica, porque, no essencial, todos somos “animais humanos”, com o mesmo conjunto essencial de características genéticas e comportamentais.

E esta igualdade radical, como parte integrante da *commonwealth of life*, fica bem patente na pandemia que hoje presenciamos. Onde a doença e a mortalidade não escolhem país, ideologia, religião, raça, ou estrato social e económico. O coronavírus, como outras pandemias ao longo da história da humanidade, são biologicamente implacáveis demonstrando toda a dimensão do Darwinismo biológico.

Pelo que a solução passa pelo reconhecimento de uma ampla solidariedade ontológica entre todos os seres humanos. Ou seja, que, nos bons e maus momentos, todos precisamos de todos para a prosperidade, e mesmo para a sobrevivência. Esta irmandade essencial deve unir os diferentes povos em torno de causas comuns, mas deve igualmente fazer-nos repensar o estilo de vida contemporâneo.

Que seria da humanidade se não olhássemos para esta pandemia do coronavírus como um enorme desafio ao modo como queremos atravessar o nosso futuro? E a arte pode e de-

ve desempenhar um papel crucial na promoção da liberdade, da igualdade e da solidariedade. Porquê? Porque a arte - nas suas diferentes manifestações criativas - mergulha liquidamente na essência da natureza humana.

A arte é livre. A arte é criatividade, pelo que só depende da mente humana. O modo como cada artista plástico, no universo da sua singularidade, representa simbolicamente o mundo e a natureza, não tem constrangimentos, nem barreiras. É a essência da sua autodeterminação. A magia do pintor, a perícia do escultor, ou a imaginação do escritor não dependem da lotaria social ou biológica, mas apenas dos dons que o artista livremente decidiu aprofundar. Esta liberdade de pensamento e de criatividade é a verdadeira liberdade ética da pessoa. Liberdade que nem a sociedade nem as novas tecnologias, como a inteligência artificial, jamais conseguirão alienar.

A arte é igual, dado que não conhece fronteiras geográficas, ou socialmente determinadas. O que mais impressiona, por exemplo nas artes performativas, como o teatro, a música ou a dança, é o modo como os artistas transformam a sua identidade pessoal numa nova realidade coletiva onde a suas origens, as suas realizações, ou mesmo a sua imagem são absorvidas por uma nova dimensão humana, mais básica e gregária. É esta capacidade de viver socialmente que identifica o ser humano, e que estimula o espírito protetor da nossa espécie. Uma orquestra simboliza bem o delicado equilíbrio entre o talento individual e o desempenho coletivo.

Mas a arte é também solidária. Quem desconhece o impacto da fotografia, ou do cinema, na promoção da justiça, na denúncia de desigualdades, ou na promoção dos mais vulneráveis? O retrato de crises humanitárias, o drama dos refugiados, ou a destruição dos recursos naturais são frequentemente veiculados pela arte e pelos artistas. Frequentemente contra ventos e marés, mas sempre no respeito pela família humana.

Pelo que a arte, voluntariamente ou não, é decisiva na promoção destes valores civilizacionais, que no momento que atravessamos se revelam especialmente necessários. Pela palavra, pelo exemplo, pela representação, pela simbologia, ou mesmo simplesmente pela estética, a arte pode conduzir à transformação social. E despertar em todos nós um novo humanismo mais preocupado com as pessoas e com a felicidade humana.



FOTO: DR



Paulo Ferreira da Cunha  
lusoofilias@gmail.com

# Estudar hidráulica

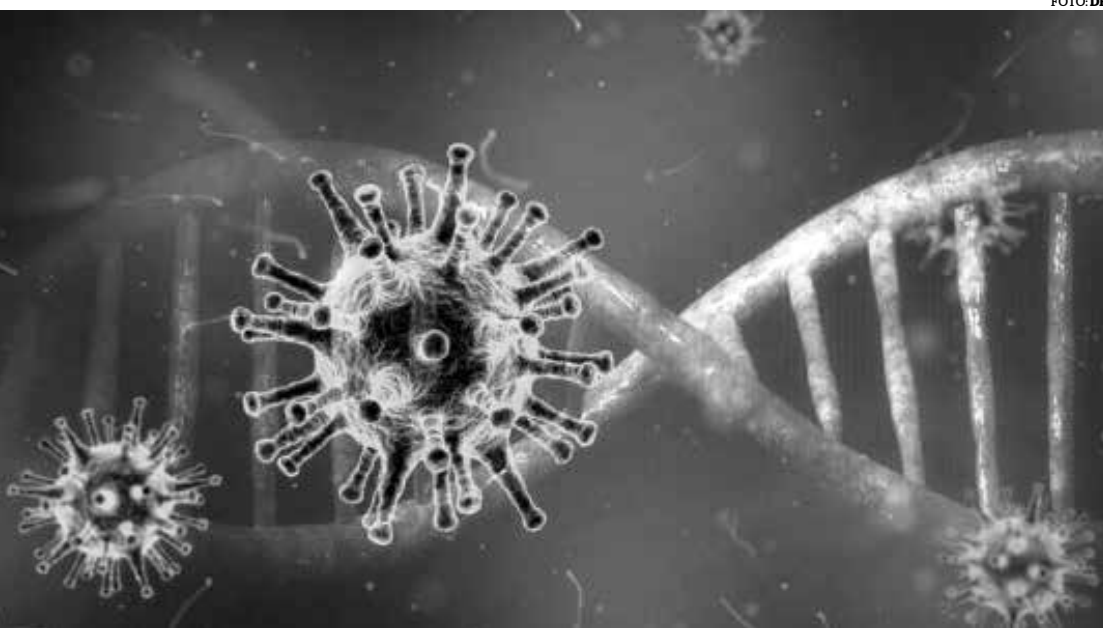


FOTO: DR

Temerários ainda concretos prognósticos, poderá contudo avançar-se que mudanças significativas deverão ocorrer na sequência da pandemia de 2020, do *Coronavírus*.

As alterações no quotidiano, pelo menos das pessoas conscientes e nos países mais previdentes, já fazem antever que não serão só rotinas e modos de sociabilidade a mudar, pelo menos durante um certo tempo - mas sabe-se lá até quando.

Será este tempo um ponto de clivagem na História?

No mínimo, a situação de perigo (em muitos casos infelizmente concretizado) perante um flagelo, que a todos sem distinção atinge, certamente poderá alertar algumas consciências, fazendo compreender a importância da humildade e da solidariedade. O salve-se-quem-puder da ideologia da ganância, do triunfo a todo o preço, dividindo o mundo entre os *winner*s e os *loser*s, não funciona *mesmo* quando a doença não escolhe ricos ou pobres. E todos os nacionalismos, xenofobias, segregacionismos de género, racismos e afins são obviamente surpreendidos e derrubados por uma praga que atinge todos os seres humanos, sem desinências ou distinções.

Grande lição é a da necessidade social imperiosa de o Estado ter um papel decisivo na saúde e noutros domínios de segurança básica e de sobrevivência dos cidadãos. Não pode ser um Estado qualquer: de direito, democrático, participado, pluralista, mas dotado de autoridade democrática, mecanismos de deci-

são e de poder, e na posse de meios essenciais de ação, desde logo de gestão, propriedade e liquidez. E um Estado social: ou seja, que não abandona os cidadãos à sua sorte.

A complexidade e magnitude desta ameaça mostra que há setores básicos que precisam de ter uma forte, coerente, robusta, coordenada e financiada resposta pública. Alguns parecem converter-se agora aos Serviços Nacionais de Saúde. Antes tarde que nunca. O problema foi o depauperamento desses serviços por uma obsessão ideológica ou, pior, por mero descaso pelos outros.

Negar a necessidade do Público (não como dédalo coletivista, antes como expressão organizada da Solidariedade), designadamente em nome de teorias abstratas de “liberdade” (realmente libertina) de mercados (liberdade que apenas a muito poucos aproveitou e já muitos levou à miséria - não se discutindo, porém, se “regulada”), é no mínimo uma falácia, que fica demasiado à evidência em tempos de generalizada vulnerabilidade, e especialmente dos mais débeis em todos os sentidos. Dos quais todos precisamos.

Coloca-se ainda com muita acuidade a questão, clássica mas com novos contornos, do ponderar, de forma concreta e não teórica apenas, entre liberdade e segurança. Mas obviamente que, em tempos de especial emergência, a liberdade mais “superficial”, e designadamente lúdica ou do capricho, tem de ser ordenada ao bem comum: *salus populi suprema lex est*. Uma pandemia, qualquer catástro-

fe natural alargada (terramoto, erupção vulcânica, etc.) é equiparável à guerra. Ou pior.

Tem é que se acautelar (como fazem várias Constituições) um círculo essencial de direitos, mesmo em caso de ser decretado algum dos *estados de exceção*. Nesta, como em muito mais matérias, a grande questão é de ponderar o bom senso e a capacidade de rasgo imaginativo e de decisão (isso distingue os estadistas dos políticos *tout court*), com um amor genuíno à liberdade, direitos e bem-estar do Povo. E, no limite, à sobrevivência geral, que não se confunde com uma estrita Arca de Noé, como no filme *2012* (Roland Emmerich, EUA, 2009).

Socialmente, avulta a oportunidade de que as quarentenas talvez possam propiciar a alguns mais tempo, para si e para as famílias. Oxalá o aproveitemos bem.

Outra questão a ponderar: até que ponto a pandemia e as *fake news* não poderão contribuir para o agigantar de fantasmas e o renascer de monstros ou demónios?

Já em 2013 Jean-Claude Juncker dizia que estes apenas se encontravam adormecidos. Desde então, o seu sono está menos profundo. Uma situação de grave crise multidimensional é certamente um fator catalisador de tentações anticonstitucionais.

Vetor do florescimento desta perversão do sistema será o *deficit* de educação política, cívica e mesmo cultural geral, de que as democracias em grande medida se foram demitindo pela prevalência do economicismo e do eleitoralismo.

Acresce a degradação das condições sociais e económicas de grandes camadas da população, as quais perderam a fé e a esperança em movimentos reformistas inseridos no sistema, podendo lançar-se nos braços do oportunismo demagógico. Nem sequer se apercebendo, frequentíssimamente, da sua natureza ideológica.

Agindo, assim, muitas vezes, como mero protesto contra a sua situação de vida degradada, quando não mesmo degradante. E culpando a torto e a direito, com ou sem razão, todas as instituições. Nada escapando a uma crítica tão demolidora quão desesperada, de que as redes sociais, desde logo, se vão fazendo um agigantado eco.

É precisa muita imaginação e clarividência para dar uma resposta a todos estes desafios e, como dizia Chesterton, *estudar hidráulica enquanto Roma arde*.





**Helena Mendes Pereira**  
curadora

# Já chega de encerrar, cancelar,

Encerrar. Cancelar. Suspender. Em tempos de pandemia estas são as palavras de ordem no setor cultural e vão do Estado central às autarquias. Milhares de profissionais do setor, não apenas artistas, assistem a quebras de 100% não recuperáveis. Mas, ao contrário do que alguns têm afirmado, o setor não parou. Pelo contrário: encontrou respostas e amplificou o sentido da palavra solidariedade. Concertos gratuitos a partir das redes sociais, aulas e, no caso concreto das artes plásticas e visuais, esquecidas de todas as medidas de apoio ou não elegíveis, não sinto que ninguém tenha parado de pintar, de esculpir, de desenhar, de fotografar, de criar. Não. Simplesmente deixou de ter locais físicos de exposição abertos, e com um clima de medo instalado, senti de imediato a retração do mercado de aquisição de obras de arte. Mas ninguém parou. Tenho amigos que até lançaram livros no meio de tudo isto e se têm ocupado com a sua divulgação e distribuição dos mesmos via CTT. As redes sociais estão inundadas de ideias, de espetáculos a serem disponibilizados gratuitamente todos os dias, de boa energia e de reação à inércia em tempos de isolamento social. Os meios de comunicação social afetos a temas culturais foram os primeiros a disponibilizarem os seus conteúdos online e gratuitamente. Não sinto os artistas, como sinto muitas outras pessoas, a aproveitar para estar em casa a enfiar séries e a papar bolos. Não. A malta quer trabalhar porque está desesperada. Ninguém está interessado em continuar nesta ignóbil vida de diretos para o Instagram enquanto faz contas e se afunda em papeis e e-mails para ver como e quando consegue receber os tais apoios do Estado para o setor e seus profissionais: os visíveis, como os artistas, e os invisíveis em que se enquadram tantos outros e que vão dos aderecistas, aos técnicos de luz, passando pelos avançados dos serviços educativos de tantos museus.

Mas, da parte do Estado, além dos apoios, confusos e diluídos que vão chegando a conta-gotas e de acordo com as queixas (“ah! Que agora é preciso apoiar os livreiros!”, “ah! Que agora nos lembramos dos afinadores de pianos!”), ouvimos mais cancelamentos. Já se cancela tudo até setembro. Fantástico! E ouvimos que se está a usar o valor poupado em atividades culturais e recreativas para apoiar o combate à doença. Ok. Estamos todos de acordo que o



combate a esta doença deve ser a nossa prioridade e também estamos muitos de acordo que existiam eventos a mais, festas a mais, feiras a mais, que os espaços públicos, por esse país fora, em contextos urbanos (e menos urbanos) de pequena, média e grande escala, não respiravam de tendas, de palcos e de suportes publicitários sem sentido. Estamos de acordo. Que sirva tudo isto para percebermos o que realmente nos faz falta e para onde devemos direcionar os nossos investimentos. Fartei-me de falar disto nas minhas aulas: do excesso de *eventualização* dos territórios. Como me fartei de falar sobre a falta de controlo sobre o turismo, sobre os impactos ambien-

tais desse excesso e sobre os impactos sociais, nomeadamente ao nível da especulação imobiliária e da gentrificação. Mas não temos excesso de museus, de galerias, de salas de exposições ou espetáculos, não temos excessos de incentivos à leitura, não temos excessos de programas concretos de apoio à literacia pelas artes e pela cultura, nem temos excesso de uma boa utilização, pelos equipamentos e pelas estruturas culturais, das novas tecnologias para comunicar arte e para comunicar cultura. Não temos. Mas temos muita e boa produção artística em todas as áreas e temos, provavelmente, a comunidade artística mais solidária do mundo. Temos. Temos enormes artis-

# suspende



@Companhia de Teatro de Braga

tas plásticas e visuais, curadores a dar cartas em todo o mundo, temos ótimos músicos, ótimas escolas de artes em todas as áreas, temos ótimo teatro, dança, maravilhosos escritores, poetas universais e temos tudo isto, cada vez mais, em todo o país. Ainda que talvez a malta em Lisboa não tenha dado conta, sobretudo quando vai distribuir os apoios da Direção Geral das Artes, mas há produção e programação cultural em todo o país. E de excelência! Eventos com reconhecimento internacional, exposições, espetáculos e outras ações pejudicadas de públicos!

Estes dias fiz as contas e contabilizei que já trabalhei, quer com projetos culturais pen-

sados por mim, quer como consultora, formadora ou mediadora em cerca de 70 municípios de norte a sul do país e há, em todo o lado, muita gente boa, a dar o seu melhor e a acreditar que a cultura e a arte são, mais do que entretenimento, as únicas forças capazes de mudar o mundo e de o tornar num local melhor para viver. E é por isso que me perturba que se afirme que as pessoas vão ter receio de voltar a entrar numa sala de espetáculos e que haverá uma estratégia para que a cultura aconteça ao ar livre, em espaço público, numa fase intermédia até ao regresso à normalidade. Não. Não é isso que estamos à espera de ouvir. Não estamos à espera que se alimente o medo, que se lhe dê corda. E custa-me saber que há um desconhecimento tão grande da criação artística em termos globais que se acredita que a mesma pode acontecer na sua maioria no espaço público. É errado. Não pode. Poderá cerca de 20%. Pouco mais. E o resto? "Ah! Porque investimos tudo no combate à pandemia." Sim senhor. Muito bem. Aplausos! E depois? Porque não vamos achar que haverá um dia, antes de existir uma vacina, em que isto passa e voltamos às nossas vidas. Não. E depois deste vírus virão outros e temos que estar preparados porque não vamos poder parar em quarentena todos os anos, nem todas as décadas sequer! É por isso que queremos ação e não inércia, muito menos que se alimente o receio, o medo. Não.

Vamos desinfetar todos os espaços e equipamentos culturais. Todos. De fio a pavio, incluindo os ares condicionados que são transmissores de tudo e mais alguma coisa. Vamos aproveitar que está tudo fechado e limpar a fundo. Limpar tudo. Vamos apetrechar os equipamentos todos com doseadores de gel desinfetante. Vamos colocar sistemas eletrónicos de bilhética em todo o lado, reduzindo o contacto entre quem trabalha e quem frui. E vamos limitar a lotação dos espaços: se uma sala não pode levar 900 espectadores, leva 300; se um museu não pode acolher 1000 visitantes por dia, recebe 250 e aposta-se na marcação prévia, com lotação também por horas. É preciso modernizar as estruturas, formar recursos humanos para o efeito? Faça-se! E se alguém começar a tossir ou afins num equipamento, é convidado a sair pois não foi consciente o necessário para tratar do seu próprio re-

colhimento. E os artistas podem fazer mais datas, consecutivas, aproveitando *riders* técnicos e afins. E os museus e salas de exposições podem apostar em estratégias de educação e mediação cultural diferenciadas que permitam, entre outras coisas, fazer o controlo da operação e estabelecer sugestões de fruição que evitem congestionamentos. E em todos os equipamentos teremos um espaço de isolamento, um gabinete para prestação de cuidados de saúde, com profissional de saúde permanente. E vamos usar mais e melhor o online. A malta não tem que produzir conteúdos para o online de forma gratuita. Não tem. Tem que ser paga. Querem ideias? Perguntem. Como eu há muita gente a pensar sobre isto e já chega de grupos de trabalho e de comissões inúteis para inventar projetos sobre coisa nenhuma e que toda a gente já conhecia e que nada mudam. Já chega. Queremos um plano de ação que valorize a criação artística, potencie de forma sustentável e saudável a utilização dos equipamentos culturais e do património. E queremos que voltem as escolas e as aulas de artes. Temos que ter menos alunos por turmas? Que seja assim. Menos público de cada vez fica mais caro? Pois fica. Mas milhares de profissionais do setor sem trabalho por tempo incerto fica ainda mais e é socialmente insustentável, além de que nos fará ser responsáveis por termos parado de construir futuro. Porque a arte, a cultura, é o que fica para o futuro. Os artistas, os agentes culturais, todos os dias, constroem História e memória. Todos. Não pararam. Vamos parar de encerrar, de cancelar, de suspender. Retomemos com calma e com todos os cuidados, mas retomemos. Com cautela mas tão brevemente quanto possível porque os prejuízos são já inumanos, inquantificáveis. Agir, prevenir, adaptarmo-nos a uma nova realidade fica caro? Fica. Mas é esse o investimento que exigimos ao Estado, central e local. Nenhum artista, nenhum agente cultural quer um subsídio escasso para ficar em casa a debitar para o Instagram. Nenhum. A malta quer trabalhar e vai cooperar, ajudar a que a atividade cultural pública seja promotora da saúde e não do vírus. Já chega da política do medo e do receio. Já chega de encerrar, de cancelar, de suspender. Porque um país sem cultura não existe e, depois da pandemia, queremos continuar a ser Portugal.





**Margarida Negrais**  
professora e escritora

# Agora

Não soprava o vento que põe a baloiçar os ramos do abacateiro e a fazer tombar os frutos. Mas, talvez por distração, uma pêra ainda jovem e imatura soltou-se e aterrou no relvado. Logo um melro esfomeado e ladino a devorou a repetidas e gulosas bichadas até lhe deixar apenas a casca esvaziada, libertando habilidosamente o caroço.

Timidamente ainda, os *Prunus*, as cerejeiras, as ameixeiras mostram os seus gomos florais. Incham os botões das roseiras e azáleas e rododendros explodem em cores compactas, variadas. E as espíreas, que o povo chama aleluias, arqueiam já os seus ramos, feitos branca espuma, numa vénia, para saudar a Primavera que chega hoje.

Não há ruídos produzidos pelo Homem e seus engenhos.

Pássaros de ferro pintados de cores garridas alguns, não sobrevoam agora incessantemente os céus das cercanias, ressoando pelos ares à procura de pouso, de patas esticadas já para a aterragem. Não roncam os motores dos automóveis e dos autocarros ao subir a ladeira, não causam estrépitos buzínadas coléricas, não arranha os nossos ouvidos a betoneira que ajuda a erguer o edifício aqui ao lado. Não há quem desça em contramão a rua de um só sentido. Não há quem pragueje, cheio de razão. Na paragem do autocarro, ninguém. Quando, religiosamente, ele passa à hora prevista, vai vazio de partidas e de regressos. Vazio. Estranhamente vazio...

A Natureza fala mais alto agora: o galo namoradeiro canta no seu harém a anunciar a alvorada, os pardais fazem uma chilreada na sebe de hera, os pingos da chuva tamborilam nitidamente no chão, as folhas escorrem humidade silenciosa que quase consigo ouvir. E o gato malhado, que não me pertence mas adora este local, ronrona tranquilamente lá do alto da plataforma elevada do portão, a aproveitar os raios de sol que se escaparam por entre as nuvens, e olha o que o rodeia com ar poderoso e de majestade. Ao fim da tarde, uma restolhada seguida de um bater de asas apressado, vazará o ar com silvos agudo - são pássaros que pressentiram o toque a recolher e procuram um porto de abrigo nas árvores, entre a folhagem.

Este é o meu pequeno cosmos que permanece inalterável face à ameaça que nos chega, a ameaça invisível do infinitamente pequeno. Este pequeno cosmos sempre ali es-



FOTO: DR

teve. Mas agora, que o homem entrou em seus habitáculos, tem voz.

E ergue-a bem alto, dizendo: “- Eu sou a Mãe-Natureza, de quem tudo depende e que tudo dá, mas que anda tão esquecida, desprezada, aviltada, espezinhada... Os meus imponentes gelos árticos e antárcticos derretem, as minhas neves eternas das alturas, dos abismos, que cobrem os cumes, fundem, as minhas densas catedrais verdes são consumidas pelo fogo, a terra que me pertence é petrificada sob o betão, nos meus mares a poluição mata peixes e corais, nos meus rios as águas adoecem sob uma tenebrosa cobertura de plásticos e fica envenenada com eflúvios letais. Os recursos que pus ao serviço da Humanidade começam a rarear, os animais selvagens a caminhar para a extinção. Quando desaparecerem as abelhas e outros insectos que concorrem para a polinização, a fome instalar-se-á. O homem extinguir-se-á como outras vidas animais se extinguiram antes dele”.

Esta doença que grassa agora pelo planeta, qual besta desenfreada, terá, pelo menos, a vantagem de chamar a atenção da Humanidade para o caminho sem retorno por onde pisa?

Para já, a AEA (Agência Europeia do Ambiente) confirma “grandes reduções” de poluentes atmosféricos na Europa e acrescenta que em alguns locais essa redução foi para metade. A redução do tráfego terrestre e

aéreo, em particular, mas também de alguma actividade industrial, fez reduzir o NO<sub>2</sub> (dióxido de azoto), sobretudo em cidades com medidas de contenção - Lisboa, Milão, Barcelona, Madrid, etc... e crescem os céus da China, sarados da combustão de combustíveis fósseis...

A indústria poluidora, o consumismo desmesurado, a vida hedonista que põe acima de tudo o interesse individual em detrimento do bem comum fizeram com que, em poucos dias, os olhos atentos e perspicazes dos satélites, que lá do alto nos espiam, mostrassem céus menos poluídos, canais de Veneza de novo de águas azuis e transparentes. Quem avisou os cardumes que era hora de regressar?

Esperemos que esta desgraça que traz e trará ainda muita dor, muito sofrimento aos homens, sirva ao menos para se perceber que há que arrear caminho e agir de modo a que a nossa casa comum seja poupada. Não parece haver no Universo infundável uma outra solução para as nossas vidas. Terá sido um elemento do domínio do infinitamente pequeno, um vírus, que veio fazer ver uma outra solução para as nossas vidas? Será preciso que tenha de haver tanto sofrimento para que se perceba o que está distintamente diante dos nossos olhos: há que mudar o paradigma da nossa vida moderna, se quisermos continuar a usufruir da beleza tranquila e singela do nosso planeta.



## Eu, Tu, Nós, Eles... COMVIDA

**EU**  
Estou só.  
Trancada.  
Isolada.  
De castigo.  
Amedrontada.  
Inibida de tocar.  
Sem poder ir trabalhar.  
Presa no conforto da minha prisão.  
Alumiada pela luz da moderna caverna e razão.  
A casa é o meu universo.

**TU**  
Fica em casa!  
Não saias!  
Não contamines!  
Desinfecta-te!  
Desvia-te!  
Obedece!  
Renova o ar!  
Retrai-te a cumprimentar!  
Cuida-te!  
Espera!

**NÓS**  
Protagonizamos... a Tela.  
Vivemos... em modo de Ficção.  
Controlamos... a Emoção.  
Estamos na fila, sem chegar a entrar.  
Ir ao Cinema? Que cena? É proibido!  
A bobine ficou encravada.  
No escuro, afastamos as mãos. Nosso encontro ficou censurado.  
O isolamento social está exaltado.  
Para tudo é preciso permissão.

**ELES**  
Sobrevivem.  
Colocam as máscaras.  
Esterilizam-se.  
Saem à rua sozinhos.  
Afastam-se.  
Desanimam por não poderem passear.  
Mudam os hábitos de comprar.  
Estão interditos de viajar.  
Talvez comprem um galgo, pois só de cão podem deambular.  
Trocaram mensagens; vivem a delirar; desesperam por comunicar

**COMVIDA.**

Norma Pott, 8 de março de 2020 / Decretado o  
Estado de Emergência

## Aquele abraço

Dias passados,  
e era sábado,  
regressei ao meu lugar próprio.  
Àquele lugar onde o meu peso  
é o meu amor.  
E repousei.  
Na angústia de quem sofre,  
no temor das incertezas  
de dias que virão,  
encolhi-me no meu dentro  
nesse sábado  
sem forças nem coragem  
para apanhar a carruagem.  
Até que vinte braços amigos  
e mais dois desconhecidos  
me envolveram,  
me afagaram com ternura,  
cada mão tocando  
no ponto exato  
do meu desassossego.  
Qual esponja,  
Bebi a seiva amorosa  
desse abraço monstro  
e renasci.  
E regressei ao meu lugar próprio.  
Àquele lugar onde o meu peso  
é o meu amor.

Manuel Paulo

## 21 de Março de 2020

Hoje celebra-se o dia Mundial da Poesia em todo o mundo..  
Sequem-se todas as lágrimas e iluminemo-nos  
de dentro para fora..  
Apenas e intensamente luz!

Mas hoje..  
Todos temos um grito dentro de nós..  
Fazem-nos falta todos os infinitos..  
Queremos procurar mais e mais em tudo..  
No céu encoberto..  
Na floresta cerrada..  
Nos medos que nos vencem..  
Na areia movediça que nos engole..  
E naqueles que lutam  
às vezes em noites bem escuras  
sem espaldar para se agarrarem..

Para vós Médicos, Enfermeiros e Profissionais de Saúde de to-  
do o Mundo!

Tudo mudou, sem mudar!..  
Não sei como começou  
porque acordei sem perceber  
e voltei a adormecer!..

Mas, quando acordei de novo  
era a verdade do meu tempo..  
uma verdade que tinha tudo  
sem ter nada!  
O mundo perdeu a cor..  
Não há gentes sentadas  
nos jardins das cidades.  
As vozes são vazias.  
Os beijos perderam as asas.  
Caíram pedras da muralha do amor.  
As tardes ficaram presas  
ao clamor das notícias  
e a esperança vive em vós  
Profissionais de Saúde  
de todo o mundo!..  
Na vossa força de perpetuar a vida!  
Nos vossos momentos sem luz!  
Nos vossos sentimentos  
que mudaram os nossos  
porque tudo mudou.  
Entraram nas nossas vidas  
com os ventos que agora sopram  
porque o universo inteiro mudou..

Perdidos no tempo  
o tempo fechou-nos  
como se tivesse parado para nós!

Em vós não acabam as forças  
enquanto chovem de mansinho  
lágrimas de exaustão e cansaço  
onde a luz se demora e faz doer.

Talvez hoje seja o começo de uma nova vida  
e amanhã,  
com a ESPERANÇA na vossa força,  
quando todos acordarem..  
possamos sonhar que tudo vai ser diferente!

M. Helena Teixeira



**Carlos Fiolhais**

prof. universitário UC; tcarlos@ucpt

# O Homem e os vírus

O biólogo molecular norte-americano Joshua Lederberg, que ganhou o Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina em 1958 quando tinha apenas 33 anos pelas suas descobertas da evolução bacteriana sexuada, afirmou uma vez que “a única grande ameaça ao continuado domínio do planeta pelo homem é o vírus” e noutra vez “podem vir aí catástrofes, vivemos numa competição evolucionária com micróbios – bactérias e vírus. Não é garantido que sejamos os sobreviventes”.

Será que desta vez, com a doença provocada por um novo coronavírus, chegou a hora de se cumprir a profecia daquele cientista? Estou convencido que não. Neste momento estamos cientificamente muito mais avançados do que estávamos no final da década de 50 no nosso conhecimento dos nossos pequeníssimos rivais, graças aos biólogos que se sucederam a Lederberg. Talvez as inovações mais relevantes tenham vindo do domínio da genética. Em 1958 já se conhecia a estrutura em dupla hélice do ADN humano, embora há escassos cinco anos. Há cerca de quatro décadas sequenciámos pela primeira vez o ADN de um bacteriófago – e há duas décadas sequenciámos pela primeira vez o ADN humano. O novo vírus, de seu nome científico SARS-CoV-2, foi sequenciado por uma equipa chinesa cerca de um mês depois de terem surgido os primeiros casos da doença que ele causava, a COVID-19. O vírus não conhece o nosso genoma, mas nós conhecemos o genoma dele – é aliás graças a esse conhecimento que fazemos testes para identificar a sua presença no corpo humano, testes hoje banais mas que exigem instrumentos e métodos de biologia molecular.

A competição entre microrganismos e seres humanos é muito antiga. Na história evolutiva os vírus e bactérias, que se distinguem por os primeiros não serem vivos, são muito mais antigos do que o *Homo sapiens*. O seu convívio foi extraordinariamente incrementado quando as sociedades humanas, há cerca de 10.000 anos, passaram de caçadores-recolectores a agricultores, sedentarizando-se em povoações. Com efeito, a domesticação de plantas e animais tornou mais provável que alguns microrganismos existentes em animais passassem para humanos: os vírus precisam de hospedeiros para o seu triunfo evolutivo. Mas, como são bastante estúpidos (não passa de uma “falsa notícia”



FOTO: DR

aquela que propagou a inteligência do coronavírus), podem causar a morte dos seus hospedeiros, o que constitui para eles também o seu fim, a menos que se tenham espalhado antes. E, de facto, eles espalham-se de várias maneiras: por exemplo, ao espirrarmos quando estamos com gripe, uma doença comum causada por vírus.

Em cada pessoa infectada dá-se um intenso combate entre o seu sistema imunitário e os microrganismos em reprodução rápida (diz-se “incubação”). A febre significa que o corpo está a tentar atacar o vírus pelo aquecimento, uma vez que ele prefere temperaturas baixas. No caso que actualmente estamos a enfrentar, o nosso sistema imunitário consegue em geral ganhar, designadamente se a pessoa infectada não tiver idade muito avançada ou doenças debilitantes. Mas, infelizmente, nalguns casos, o ataque do invasor é rapidamente fatal. No navio de cruzeiro britânico *Diamond Princess*, que ficou de quarentena num porto japonês, 700 pessoas dos 3700 passageiros foram infectadas, tendo morrido 12, o que representa 1,7% dos infectados. Mas a taxa de letalidade nesse caso isolado (isolado é a palavra certa para o navio) está abaixo da que se conhece hoje à escala global: esta é 5,7%, muito maior do que a de uma simples gripe, que se situa entre 0,01% e 0,1% (Trump e Bolsonaro revelaram a sua enorme ignorância quando minimizaram a letalidade do novo coronavírus!). De facto, essa taxa será menor se considerarmos o número real de doentes infectados, que, embora incerto, é muito maior do que o dos casos confirmados por meio da aplicação de testes. À hora a que escrevo acumulou-se um total de 1,4 milhões de pessoas infectadas no mundo, dos quais morreram 82 mil. Infelizmente, esses números continuam a crescer rapidamente, em todo o globo.

Esta pandemia, sendo controlável através das medidas de distanciamento social que estão a ser tomadas em muitos países, que devem ser

combinadas por redobrados cuidados de higiene, está a revelar-se uma das mais graves das últimas décadas. Pior, em tempos recentes, só a SIDA, uma doença do sistema imunitário provocada pelo vírus HIV, que originou desde 1981 mais de 30 milhões de mortos. Mas, no passado, houve outras grandes pandemias: a gripe espanhola de 1918-1919, causada pelo vírus H1N1, numa altura em que não se sabia bem o que era um vírus (só nos anos 30 ele foi visto com um microscópio electrónico), de-

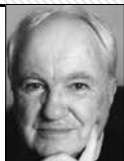
ve ter causado cerca de 50 milhões de mortes no mundo, o que excede o número de mortos da Primeira Guerra Mundial; e a gripe asiática de 1957-1958, causada pelo vírus H2N2, que matou cerca de dois milhões de pessoas. Se na gripe espanhola não houve vacina que valesse a ninguém, os avanços da ciência permitiram desenvolver uma vacina para a gripe asiática que ajudou a conter a epidemia.

A história está cheia de epidemias, que em vários casos determinaram o rumo dos acontecimentos. Por exemplo, em 1519 o espanhol Hernán Cortés desembarcou no México com 600 homens. O triunfo desse pequeno grupo deve-se muito ao espalhamento da varíola, que dizimou os aztecas, incluindo o seu imperador. Os europeus tinham um grau de imunidade que os indígenas simplesmente não tinham. Não havia vacinas nessa época: a primeira vacina, palavra que vem de vaca, foi desenvolvida pelo médico inglês Edward Jenner no final do século XVIII, quando notou que as mulheres que ordenhavam vacas ficavam imunes à varíola. Ocorreu-lhe injectar um pouco de pus da lesão de uma ordenhadora num rapazinho, que logo ganhou imunidade.

Várias equipas de cientistas estão actualmente a desenvolver uma vacina para a COVID-19. Já há protótipos, mas eles têm de ser testados num grande número de indivíduos para verificar tanto a segurança como a eficácia. Se uma vacina for descoberta e administrada rapidamente em suficiente quantidade, a doença ficará debelada. Não sabemos se e quando tal acontecerá. Mas, antes disso, podemos encontrar um antiviral adequado. De qualquer modo, as pandemias são sempre temporárias.

À hora a que escrevo há sinais de esperança: os números mais recentes de Itália, de Espanha e de Portugal parecem indicar que na Europa o pior já lá vai. Mas convém não baixar a guarda. Os vírus não são inteligentes, mas nós somos.





**Júlio Conrado**  
escritor

# Romancear o futebol?!

Num Encontro de Escritores realizado em Natal (Brasil) pouco tempo antes de ter início o Mundial de Futebol em que a equipa da casa foi cilindrada na final pela visitante Alemanha (1-7), coube-me apresentar uma comunicação intitulada “Os enredos do futebol não dão enredos à literatura?”\* depois de ter feito árdua pesquisa da qual resultou a escassez do tema futebol na maioria das obras de escritores portugueses supostos simpatizantes do chamado desporto-rei. O recente livro de José Manuel Delgado *A vida aos Pontapés* como que constitui uma “resposta” a essa minha pergunta, resposta tanto mais idónea quanto é certo tratar-se JMD de uma testemunha que viveu o futebol como executante de excelência e como jornalista igualmente de grande nível, marcando presença de relevo entre os melhores cronistas desportivos especializados no assunto. No Jornal *A Bola*, o hoje Director-Adjunto de Vítor Serpa, firmou uma carreira jornalística tão brilhante como aquela que “escreveu” dentro das chamadas quatro linhas. Talvez só o tenha visto jogar uma vez a defender as balizas de *Os Belenenses*, apesar de o campo de futebol se situar relativamente perto do lugar onde eu morava.

Delgado tenta então o “romance” sem que em parte alguma do livro esse género seja invocado, ou sequer reivindicado? Pela opção coloquial e pela natureza das histórias seleccionadas, talvez lhe assente melhor a classificação de crónica romanceada. Nesta medida, é minha convicção que ser “escritor” não faz parte deste projecto de JMD, estando ele porventura mais motivado para produzir uma lição de jornalismo de investigação protegido pelos dispositivos da experiência vivida e da observação profissional do fenómeno futebolístico em vez de se perder na submissão ao padrão vincutivo, tão em voga, do “baseado em factos verídicos”.

Como vértices de um triângulo maquiavélico que logo à partida apela para a diabolização da trama, temos o balneário conflitivo, a complacência das esferas decisórias nas habilidades com que os atletas fintam o controlo anti-dopping, em busca, este, da ingestão de produtos proibidos, responsáveis por eventuais melhorias de rendimento dos atletas em campo, e uma mão-cheia de alcunhas, qual delas a mais insinuante e indicadora de atitudes no mínimo equívocas, que alguns sumarizarão facilmente como sendo próprias do mundo do futebol. Através de personagens parodia-



FOTO: DR

das, de situações igualmente feridas de ética pouco confiável e de comportamentos de grupos cujas engrenagens não são visíveis a olho nú, é um mundo subterrâneo mas deveras plurifacetado aquele que José Manuel Delgado traz ao escrutínio dos leitores, no geral já razoavelmente informados do estado das coisas mas a requererem mais actualização dado o desenvolvimento tecnológico do nosso tempo, desejo que o A. reforça através da evocação de curiosos episódios inspirados no dia-a-a dia do balneário, das claques e dos ardis para contornar o zelo fiscal, bem como a clubite endémica dos muitos que cultivam sem descanso o exercício da reconstituição dos passados gloriosos dos respectivos clubes e dos seus executantes de excepção, imortais na memória colectiva e nas deles enquanto por cá andarem.

Em todo o caso o que Delgado nos oferece com bastante realismo é o modo de funcionamento de uma estrutura que vive de complacências da base ao topo para ser eficaz e isso comporta todo um espectro de “compra” de erros de arbitragem, uso pelos atletas dos tais suplementos químicos sob a forma de injeções ou comprimidos, envolvendo até recomendações de médicos e massagistas, o engodo dos prémios de jogo em caso de vitória, e uma ou outra negligência como aquela que teve efeitos perversos (a morte) num futebolista espanhol.

Tudo somado estão reunidos neste livro os in-

gredientes de um romance-choque que desta vez ainda não eclipsou o efeito jornalístico que o A. lhe dá mas que é um bom arranque para que ganhe o seu espaço o romancista cujo potencial não oferece dúvidas, porventura exigindo de si maior disciplina na economia do texto e explorando outras margens de tema tão escaldante e de variáveis tão ricas que o embaraço estará na escolha, parafraseando um jornalista do passado. E que, no momento presente, José Manuel Delgado conhece como poucos e está em condições de ficcionar num romance verdadeiramente dos nossos dias.

Adverte o autor-investigador cobrir *Na vida aos pontapés* um tempo histórico anterior ao 25 de Abril. E depois do adeus?



\* Anais do III Encontro de Escritores de Língua Portuguesa 2012 Natal.



**Paulo Samuel**  
ensaísta

# Um marco literário amplo e

O livro *As Literaturas em Língua Portuguesa (Das origens aos nossos dias)*, do Prof. Doutor José Carlos Seabra Pereira<sup>1</sup>, edição do Instituto Politécnico de Macau e da Editora Gradiva, publicado em finais de 2019, inclui um útil índice onomástico, uma breve apresentação do autor e um prefácio de Carlos Ascenso André, Professor universitário da Faculdade de Letras da UC, que assumiu entre 2012-18 a direcção daquele Instituto macaense. Nessas linhas que justificam a edição, pode ler-se que “precisávamos [...] de uma obra que não se limitasse à literatura portuguesa, mas que se alargasse, de forma abrangente, às demais literaturas de língua portuguesa. Mas precisávamos, igualmente, de que tal obra tivesse em conta esse público-alvo, muito específico, que são os milhares de aprendentes do Português mundo fora, com os seus condicionamentos próprios [...] uma obra acessível, mas rigorosa, útil a quem se limita à superfície das coisas, mas não menos instrumental para quem pretende descer mais fundo na sua reflexão e no seu conhecimento”. Dentro desta perspectiva, terá sido equacionado que este trabalho de grande fôlego surgisse enquanto “Roteiro das Literaturas de Língua Portuguesa”.

Não obstante o n.º de páginas, o arco temporal e o título na capa poderem induzir que se trata de um calhamaço dicionarístico, nominal e bibliográfico, configurado, porventura, à demarcação diacrónica de fases, correntes e escolas literárias, dispostas em divisões estanques (capítulos ou partes) e subordinado à separação de Portugal e Regiões Autónomas dos países outros que mantêm a Língua Portuguesa, diferente e distinta se revela a compleição com que foi organizada esta obra, que arriscamos dizer vem marcar uma nova etapa nos estudos literários e no modo como se deve apreender o *corpus* da Literatura Portuguesa. Desde logo, pela manifesta presença de uma multidisciplinaridade de saberes na abordagem às distintas afirmações literárias, e pelo atendimento à interlocução geracional, étnico-cultural, mas também idealístico-empírica, que identificam a mundividência de cada criador literário por via do uso de uma Língua cuja sedimentação e enriquecimento secular moldaram uma semântica (e fisionomia, no sentido pascoaseano) que a torna única. Colocando assim a nossa perspectiva de leitura, diferimos do contexto que o próprio prefaciador evoca e avoca para fundamento

da necessidade deste trabalho, isto é, o marco que foi a *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes, nas suas sucessivas (mas nem sempre actualizadas) reedições, a qual definiu parâmetros no estudo e caracterização da nossa Literatura, embora, por vezes, desfocando - se não mesmo obliterando - autores e movimentos de ideias, também literários. Mas se, com evidente propriedade circunstancial, aquela obra é referida, pela sua dimensão e alcance, teria merecido nota de rodapé a lembrança de outros trabalhos que fizeram época, nomeadamente a basilar e volumosa obra (embora não isenta de reparos), hoje desatendida, *História da Literatura Portuguesa*, de Teófilo Braga, em grande parte editada no Porto, ou o posterior e exigente contributo na mesma linha dado por Fidelino de Figueiredo. Consta da 2.ª badana uma sinopse biobibliográfica de José Carlos Seabra Pereira, que se impõe estender e relevar por quanto este tem contribuído, com dedicação e conteúdos, para a historiografia e exegese da Literatura Portuguesa. Além da sua carreira universitária, ligado à UCP e à Faculdade de Letras da UC - também leccionou no Instituto Politécnico de Macau, a convite deste e durante uma licença sabática, em 2014, data em que se firmou o projecto editorial que deve agora livro - o autor tem privilegiado esta área com impressos referenciais: a sua tese *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa* (Coimbra, 1975), estudos monográficos, de que é exemplo *Do Fim do Século ao Tempo de Orpheu* (Almedina, 1979; António Nobre - Projecto e Destino, 2000), ou, em finais do século passado, no elenco dos diversos tomos da “História Crítica da Literatura Portuguesa”, aquele de que foi responsável, intitulado *Do Fim de Século ao Modernismo* (Verbo, 1995) e, já neste século, *O Tempo Republicano da Literatura Portuguesa* (2010) e *O Delta Literário de Macau* (2015). A esta bibliografia em nome próprio acresce o rol que confina a organização e introdução a obras alheias (desde a edição crítica de *Nada*, de Júlio Dantas, passando pelas *Obras de Manuel Laranjeira* e de *Florbe-la Espanca*, até à sustida reedição da *Obra de Alberto de Oliveira*), a que se deve acrescentar um numeroso acervo de textos dispersos por revistas de especialidade e outros apresentados em Congressos, Colóquios e Conferências. Investigador e Ensaísta de reconhecido valor e mérito, pelo saber que enforma os



seus escritos, recorrendo a um conhecimento profundo das matrizes literárias e culturais em que se enxertam a Língua e o modo de ser português, fazendo uso de um léxico denso mas cuja formulação linguística devém heurística, o Professor J. C. Seabra Pereira não deixa de atender neste livro às diversas modulações que influem no cânone literário, em particular as que se situam nas margens de uma certa literatura “oficial” (leia-se, validada e projectada por sectores e meios que servem também outras agendas), com uma atenção particular à oficina poética.

Revertendo ao livro, o “índice” inicial (que



# de inclusão



FOTO: DR

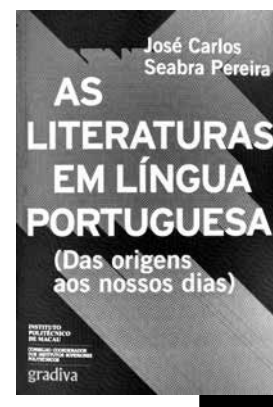
mais propriamente se deveria denominar “sumário”, pela sua inclusão ao abrir do volume e pelo desenvolvimento articulado dos capítulos cujas páginas regista), é bastante a dar uma panorâmica do que ao longo das cerca de 800 páginas se proporciona ao leitor. Não só pela pauta diacrónica decorrente da criação literária em Língua Portuguesa (das origens medievais até à pós-modernidade e à presente vertigem da hiper-modernidade), mas pelo que atende, numa leitura crítica, que não relega incursões comparatistas e hermenêuticas, às produções literárias em espaços trans-atlânticos e mesmo trans-continentais, por via de

um instrumento comum, a Língua Portuguesa, seja em Angola e Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, Índia e Macau, Timor e Brasil. Por outro lado, a unidade estrutural em que assenta não resulta da sùmula, ou soma, de estudos monográficos “dedicados a cada uma das lusografias nacionais” - avisa o autor a quem por estas páginas veleje à bolina - mas foi mentada e escrita para facultar uma “visão e representação de um curso de criações estético-literárias”, que procedem da matéria linguística portuguesa, com raízes galaico-durienses, e foram assumindo cambiantes no transcurso temporal, resultado de padrões étnico-culturais, de transformações sociais e políticas, de contaminação de ideais e correntes de pensamento estrangeiras, enfim, de enamoramentos e influências literárias e culturais alheias. Aliás, “este estudo não se entrega a um inventário atomizado dos factos literários, antes se rege por uma visão sistémica do devir diassincrónico dos estilos da época e do dinamismo peculiar do campo literário” (p. 14).

Sobressai, pois, na orientação metodológica do autor, que a fluida redacção tende a encobrir, um critério de matiz heterodoxa, já que não se limita à focalização das hegemonias estético-literárias que marcaram na história das Letras determinadas épocas, por favorecimento da *doxa* ou da academia, mas resgata e qualifica outras “tendências emergentes ou epigonais”, que viveram em regime comum com aquelas, porém sem a aliança vinculativa à norma oficial nem o apadrinhamento dos preceitos de “bom senso e bom gosto”, tão-pouco na ancila de opções modais. Todavia, o esteio ortodoxo está presente. Na “apresentação”, logo se adverte o fruidor ou o inquiridor que “o presente estudo não é um comum manual de história literária, mas sim um ensaio longo de roteiro das Literaturas em língua portuguesa, que se distingue pela perspectiva da concepção e pelos parâmetros de elaboração”. É esse enfoque analítico e teórico que percorre um alinhamento pensado em função das idiossincrasias dos autores, no contexto das normas e tensões epocais, que melhor define, na nossa opinião, a singularidade e profundidade deste livro. Processo que também se aplica na caracterização de correntes literárias e correlatos enquadramentos culturais, em particular no caso luso, mas sem deixar de vista esse critério na identifica-

ção das formas literárias e letradas emergentes nos países de expressão oral e escrita portuguesa. [...]

Por fim - e para aqueles que considerem simples lastro histórico e matéria amorfa quanto se erigiu literariamente até à pós-modernidade - é de realçar o 20.º e último capítulo, cujo título logo indicia a premência do tempo e deriva do sujeito, que a dialéctica do discurso poético melhor ressoa e mais fundamenta dirime: “Oscilações de pós-modernidade, tropismos de globalização e vislumbres de hiper-contemporâneo nos alvares do século XXI”. Cinquenta páginas onde JCSP descreve com sentido crítico o que tem sido a produção literária deste novo século, numa fase em que a própria literatura se movimenta no exercício pendular entre um eu/outro sublimado e a atomização do indivíduo sem qualidades, favorecendo no geral a crítica ao humanismo e a refutação da ontologia do ser, na deriva de uma escrita tantas vezes acomodada às pulsões da hora presente (que as redes sociais, com ou sem web, ampliam), permeável ao palimpsesto plagiário, e seduzida pela produção cibernética do *Po-ex-net*. Vivemos o período que “parece corresponder a uma verdadeira mutação na globalização, levando a literatura a pôr em cena personagens híbridas, homens mecânicos e máquinas antropomórficas, oferecendo-nos em meio à violência político-religiosa e às apreensões ecológicas uma atemorizante visão do futuro...” (p. 758).



<sup>1</sup> Este texto reproduz, em grande parte, o que dissemos, a convite do autor, na apresentação deste livro que decorreu no Palacete dos Viscondes de Balsemão, Porto, em 29 de fevereiro de 2020, ato integrado nas Tertúlias de Cultura Portuguesa - “Linhas Matriciais da Identidade Portuguesa”.



**Ramiro Teixeira**  
crítico literário

# SALAZAR

## ou a biografia do homem que se tornou ditador

Com existência histórica, política, artística ou de outra matriz, não faltam personalidades investidas de uma carga simbólica, as quais, as mais das vezes, acabam em objecto de mitificação.

Uma das perversidades do mito é tanto o seu registo afastar-se cada vez mais dos acontecimentos e épocas que lhe dizem respeito, misturando-se e sobrepondo-se os seus relatos com a existência de outras personagens mais ou menos afins, tal como acontece com a biografia de muitos santos, cujos milagres, por vezes, são cópias de outros santificados localizados nos antípodas, como, por temporalidade demasiado próxima em relação ao biografado, tomar-se a nuvem por Juno, o que equivale a dizer não haver o distanciamento capaz de aquilatar verdadeiramente os prós e os contra da sua acção e existência.

Já agora, acrescente-se, Portugal é uma nação que, na sua íntima essência, é um país de mitos, como aliás todas as nações o são. É que os mitos dos heróis guerreiros e políticos estão para estas como os santos para a religião.

No nosso caso, desde logo, a partir de Afonso Henriques que, coitado, nasceu enfezado das pernas e que por milagre da N. Senhora ficou escorrido delas. Atreito a milagres foi ainda protagonista do milagre de Ourique. Por estas e outras, foi de tal forma mitificado que, no século XVIII, recorreu-se a todos os disparates para ser canonizado, mau grado o que dele disse Oliveira Martins: *A separação de Portugal foi um acto consumado, graças ao valente, medíocre, tenaz, brutal e pérfido carácter de Afonso Henriques, ao que acrescenta, era um bandido.*

Segue-se-lhe Santo António, cujo único vinco que teve com Portugal foi ter aqui nascido e em Coimbra, em Santa Cruz, ter recebido uma instrução verdadeiramente miraculosa para a época.

Em resultado do seu saber, que deu a conhecer em terras de Itália e França, fez nada menos do que 63 milagres, depois de morto, dado que em vida não fez nenhum, qual deles o mais estrambólico, na pressa ditada pela sua canonização, apenas um ano decorrido após morte, pois que, sem milagres, não poderia ser canonizado.

Temos depois os mitos de Pedro e Inês, de Nuno Álvares Pereira, de D. Sebastião, do Marquês de Pombal, da República, de Sidónio Pais e de Salazar.

Salazar, porventura, deve bater o recorde de publicações biográficas relativamente a qualquer um destes mitos.

Bem-amado por uns e mal-amado por outros, figura dominante do século XX em Portugal e na Europa, pelo menos até ao fim da 2.ª Guerra Mundial,

motivou mais de centena e meia de títulos, entre panegíricos, ódios pessoais, difamações e acusações, estudos económicos, políticos e sociais, sobre o ouro nazi e o volfrâmio, a guerra de Espanha, etc. Duma maneira geral esta imensa produção tem como razão maior ser de natureza temática, com excepção, porventura, da obra de Franco Nogueira, que aborda Salazar e o salazarismo de forma global ao longo de seis volumosos volumes, acrescido de mais um, não menos volumoso, dedicado ao Estado Novo, tudo num total superior a 4.000 páginas! Bem mais comedida é esta biografia publicada por César Santos Silva, intitulada, *António, o outro Salazar. A biografia do homem que se tornou ditador*, mas que mesmo assim atinge quase as quinhentas páginas.

Em meu entender, César Santos Silva, apresenta-nos uma síntese desse imenso manancial biográfico dedicado a Salazar, contemplando não só a sua existência como o circunstancial do mundo em que ele viveu. Não ao nível dos meandros diplomáticos, como Franco Nogueira, e também não só ao nível do registo das transformações que o Mundo sofreu, em avanços e recuos, como até ao rés dos apontamentos mais comezinhos da existência do ditador, como sejam, entre outros, a sua contabilidade pessoal de despesas.

Ou seja, o que ele nos apresenta é tanto o percurso de Salazar em Portugal e no Mundo, quanto o percurso do Mundo e de Portugal em relação a Salazar. O que desta pesquisa resultou foi um levantamento que, quase me atrevo a denominar de pedagógico, mercê do que muito contém de informação educativa, de notável concisão, em quase coloquialidade, como, aliás, é timbre da escrita e oralidade do seu Autor, muito bem estruturado, desde o nascimento de Salazar até à sua morte.

Independentemente da consulta obrigatória sobre a cronologia dos eventos mundiais e nacionais, e das ilações com que os mesmos são registados, era obrigatório que o Autor não só documentasse tais apontamentos, como apresentasse as suas próprias ilações e reflexões sobre o que nos estava a dar a conhecer.

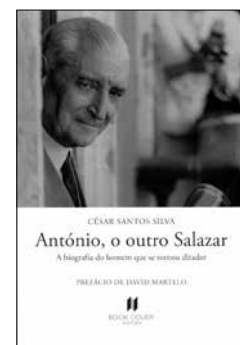
Para tal, César Santos Silva recorreu a miúde à transcrição de textos alheios, que dispersa na sua exposição, com o objectivo de reforçar as suas opiniões devidamente documentadas. Mas é, seguramente, no preâmbulo das "Notas Finais" deste livro, que ele melhor as sintetiza, dando-nos a sua própria visão e entendimento sobre os acontecimentos que relata. E depois temos ainda os "Anexos", descriminando a composição dos governos de Salazar, logo seguida

de uma espécie de dicionário de resumidas biografias das personalidades, instituições e factos, afins ao apoio do Estado Novo, a par duma outra cronologia que inventaria as intencionas perpetradas contra Salazar, concluindo, finalmente, com um capítulo, de todo inesperado, subordinado ao tema, "Salazar o Eterno Feminino", no qual descreve as relações íntimas de Salazar com as suas apaixonadas. Debruçando-se em primeiro lugar pela existência de António, filho de rurais, seminarista, universitário, explicador de ensino particular, comparsa de Cerejeira, colaborador de jornais e em fase de crescente iniciação política, César Santos Silva tudo esmiúça, dando-nos a conhecer ou a salientar aspectos da sua vida pessoal até ao comezinho, embora a parte mais substancial da sua obra seja a da existência de Salazar, na condição de ditador, onde também não faltam apontamentos de casualidade doméstica, patéticos e risíveis.

Esta sua obra possui o grande mérito de mostrar Salazar, quase direi, despedido dos atributos de mito, atribuindo-lhe uma humanidade singularíssima, que nos força a pensar como é que este homem, dum ruralidade matriz presa à sua condição de ser, desconfiado e possessivo, de ideias fixas, caseiro, para não dizer doméstico, não só alcançou o cume do universo universitário, como promoveu a projecção da sua personalidade por quase toda a Europa e governou Portugal durante 40 anos!

Diz-nos César Silva: *Salazar é um verdadeiro enigma.* Estou com ele, mas com a ressalva deste livro constituir um forte contributo para a desmistificação de Salazar.

Entretanto, fica por esclarecer um outro enigma, que é o de compreender a razão pela qual as Forças Armadas sustentaram Salazar até à sua morte e mesmo depois dela.



**NOTA**

**António, o outro Salazar. César Santos Silva.**

Prefácio de David Martelo. Porto. Book Cover Editora. 2019





**Rui Baptista**  
historiador

# Jacobeu e Cultura Portuguesa

- os quadros histórico, geográfico e económico. O homem e suas estruturas socio-mentais - 8

## O ASPECTO MÉDICO

### - UMLADO DA ICONOGRAFIA JACOBEOA (parte 2)

Como escrevemos em número anterior, levados pela ciência e pela arte do médico Aureliano da Fonseca, certa época, juntamos interesses comuns e fomos explorar na iconografia jacobea, possíveis marcas da ciência e da arte médica nos “corpos” esculpidos no granito nortenho de algumas ermidas românicas no distrito do Porto. É que eu queria levar, ao meu estudo, para o doutoramento sobre “... As mentalidades... e a iconografia... sécs. XI, XII e XIII...”, na faculdade de Geografia e História, em Santiago, um capítulo dedicado à iconografia jacobea no aspecto médico, do que nesta arte nos aparece como eventual registo de moléstias de tempos remotos, e se arrastam na narrativa do velho Testamento até à antiguidade clássica, adentro da Alta e Baixa Idade Média. Mas, independentemente disto, sempre sentimos que à principal temática da Reforma Cluniacense, se agregava e germinava de par com esta, uma outra “ideologia” que acabou por fazer história na produção dos monges artistas que lograram contornar, sempre que puderam, o programa cluniacense, do qual haveremos de falar adiante, em próximo número. É difícil de estabelecer os limites dos períodos diferentes entre os tempos daquele cenário iconográfico e o do desenvolvimento médico, mas a nós não nos interessava isso; apenas queríamos ver e apontar aspectos de natureza anatómica que relevassem e se revelassem sob o aspecto médico e sanitário, no intrincado anatómico daquelas figuras antropomórficas e zoomórficas que se agarram às cornijas dos telhados e tanto vivem na sombra, sobre as sapatas do arranque de colunas e de socos, como vivem na glória por entre as arquivoltas dos portais ocidentais que impõem o esplendor da narrativa românica. “A grande variedade de fenómenos patológicos directamente observável na superfície do corpo humano impressiona sempre quem os analisa atentamente. É fácil entender porque durante o ponto mais alto de naturalismo científico, métodos analíticos e comparativos foram usados para criar uma classificação sistemática de doenças de pele e mal formações<sup>1</sup>.”

-Registos, ícones e mitos - patologias e malformações observáveis na iconografia românica.

- Deformações da coluna vertebral - tuberculose asteo-articular - “corcunda”. As pessoas com esta patologia eram oferecidas em sacrifício



S. Cláudio de Nogueira -  
pormenor da cornija

quando da formação das cidades, ou na instalação das suas portas, com o objectivo de garantir à comunidade a ajuda e a protecção divinas.

Segundo as lendas, os países foram arrasados por um búfalo no dia em que dois caçadores socorreram uma mulher idosa e faminta, que à noite tomava a forma de búfalo. Para lhes agradecer, esta explicou-lhes como a deveriam matar, de seguida transformar-se-ia numa mulher corcunda e muito feia. Ficaram assustados com o aspecto da mulher, mas os adivinhos explicaram que dela nasceria o rapaz que salvaria o país.

As deformações da coluna vertebral, bem como outras malformações, que podemos observar na iconografia românica, podem ter sido inspiradas nesta tradição ou, de forma inversa, a tradição pode ter sido inspirada na doença perigosa que é a tuberculose asteo-articular com a sua deformação vertebral.

- As pernas moles

Segundo a tradição, a corcunda deu à luz, do seu segundo casamento com um rei, um filho nascido com uma paralisia dos membros inferiores. Este, conseguiu andar e partir para o exílio onde aprendeu a arte da guerra. Ganhou batalhas contra os seus inimigos. Esta personagem, provavelmente, terá inspirado os artistas da antiguidade. Estes podem também ter observado pessoas com deficiências que lhes permitiu representar,

ainda que exagerada ou simbolicamente características anatómicas, tão dadas à “realidade” patológica. Algumas figuras aparecem com as pernas à volta do pescoço; situação que se encontra em pessoas com hiperelastecidade de origem constitucional, ou como resultado de uma paralisia causada por uma lesão (traumática) da medula ou dos nervos periféricos (poliomielite? neoplasia? tuberculose? Síndrome de Guillain Barré?)

- A filariase - “elefantíase”

Esta afecção parasitária deve-se às micro-filárias introduzidas no corpo pela picada de mosquitos e bloqueando depois a circulação linfática. Traduz-se por acessos repetidos com inchaços dos gânglios linfáticos, febre, edema volumoso dos membros inferiores (elefantíase), braços e peito, aparelho genital e testículos (hidrocele). (O máximo registado para um hidrocele do escroto atingiu 112kg!). A filariase linfática, ainda hoje, ameaça mais de 1 milhão de pessoas, em cerca de 80 países e dos 120 indivíduos afectados, um terço fica gravemente diminuído ou desfigurado.

É considerada uma doença deprimente, por tocar os mais pobres e porque as suas vítimas são rejeitadas pela sociedade e o casamento, fonte essencial de segurança, torna-se impraticável.

- As máscaras

As máscaras são a consequência da paralisia facial, com a característica cara plácida e canto da boca descaído; ou devido a um acidente, uma otite, uma papeira mal tratada, a lepra, a tripanosomiase, a poliomielite, etc. uma face deformada pela dor, ou mesmo por um raro síndrome de Parry-Romberg, variante de esclerodermia, com atrofia da hemiface da língua e do couro cabeludo de um mesmo lado, complicado de crises de epilepsia, cuja causa é auto-imune.

Para muitos, a epilepsia transmite-se pela saliva, pois os seus acessos violentos trazem saliva ao canto da boca. No entanto, pela tradição, a origem da doença está no cérebro e daí passa ao sangue, difundindo-se por todo o organismo. O mel e a cerveja de milho-miúdo fazem também parte do arsenal terapêutico desta doença. O leite é considerado o antídoto por excelência contra a feitiçaria, preferível à água porque o poder nefasto dos maus feitiços se introduz nele mais facilmente.

<sup>1</sup>Prefácio de “Dermatologia” por J.A. Esteves, A. Poiares Baptista e F.G. Rodrigo (Fundação Gulbenkian, Lisboa, 1980).



**António José Borges**  
professor e escritor

# Caninidade

De repente parou e pensou com voz, do alto do seu interior

- está na hora do homem avaliar por si próprio a real dimensão que a evolução do cão atingiu. Foram muitos milhares de anos de convívio íntimo com a família humana, disse-me Prometeu - uma devassa da privacidade canina, algo triste, ao jeito de um big brother, aconteceu quando começaram a ser introduzidos chips debaixo da pele dos nossos ex-melhores amigos.

Prometeu II, o líder dos revoltosos, e assim designado pelos seus seguidores, estava decidido e não voltaria atrás na sua intenção.

Os humanos nunca souberam ou nunca foram capazes de captar os sons das trombetas que procuram frequentemente anunciar coisas. Os cães sim. E então usam uivar para manifestar o seu desespero - não uivam só à lua. Quando é mister estarmos vigilantes, dormimos - e as coisas passam-nos quase sempre despercebidas. O mais que ficamos é tensos.

Portanto, há muito que alguma coisa se aproximava. O simples suspiro dos cães quando se deitam, que lhes veio do costume, durante séculos e séculos, de ouvir os humanos, constituía uma insignificância em comparação com o que hoje o cão é e pode. Há quem tenha criado monstros e lhes tenha perdido o controle. O ser humano criou um fiel amigo, alguns não o estimaram, outros não respeitaram a sua natureza selvagem, e então ele cresceu, tornou-se consciência e vontade e copiou a ambição humana. Estamos em 30025 e o novo mundo é agora partilhado, melhor será dizer dominado, pelo homem e pelos restantes animais. Mas o cenário estava prestes a mudar - era Prometeu II que o prometia. O simples raciocínio que o cão Prometeu II nos transmite no início deste relato está pejado de convicção, indicia uma mudança e vindica uma capacidade mental já antes vista no cão, contudo nunca antes explorada.

Aproximava-se a inevitável era canina.

Há muito que se falava da capacidade psíquica do cão - fruto, é certo, do tipo de contacto que manteve ao longo dos séculos com o homem -, de este ser cada vez mais inteligente e se encontrar, portanto, mais próximo do homem; mas o que viria a acontecer superou todas as expectativas.

Numa praça do pequeno novo reino, perto da regência local, um aglomerado de cães faz adivinhar mais um discurso inflamado do jovem Prometeu II: a esperança da supremacia canina - os cães atingiram a maioria no relacionamento com os restantes animais e igualam o homem intelectualmente!, exalta, lapidarmente,



Ilustração de Tiago Pinto Coelho

Prometeu II (II, como simplesmente o designaremos a partir de então).

A audiência exulta, a força de controle situacional circunda os manifestantes e imagina-se o pior. Todavia, desta vez, a multidão começa a dispersar, conquanto II continue a discursar até conseguir o seu objectivo do dia: ser detido e provocar a ira dos seus camaradas. Diz, quem o conhece, que a frase que sempre lhe ouvem sair do focinho é: não raras vezes, a melhor forma de ensinar e de despertar as consciências dos mais incautos é chocando. E isso eu o farei, com palavras ou com actos!

Marcos, o chefe da força de controle situacional local, há muito que anda de olho em II. Tentou, inclusive, introduzir um espião no seio da força central do movimento revolucionário canino - em vão: o James Bond de recurso não conseguiu levar a bom porto a tarefa de que foi incumbido. Descurrou a perspicácia de II e os seus - esqueceu que o cão aprendeu com o homem. Por conseguinte, não tendo sucesso no mundo cão regressou ao seu mundo.

Na clandestinidade, a revolução foi sendo engendrada, ao pormenor, e augurava-se-lhe sucesso. A fidelidade à causa era o ponto mais forte - e vários planos secundários estavam preparados, para evitar surpresas.

E assim começou.

Numa tarde de sábado, um dia antes do início da semana, as forças começaram a movimentar-se e a ocupar os pontos fulcrais da localidade - só o subsolo não foi motivo de preocupação; nele, habitavam os porcos e os cavalos - seus aliados, de certa forma.

Os centros de teletransporte e o telepático foram os primeiros a ser ocupados - de forma a controlar eventuais fugas e reforços, no caso do primeiro, e, no caso do segundo, para controlar as consciências daqueles que mais problemas poderiam causar.

De seguida, a unidade de persuasão organizada pelo grupo revolucionário preparou um concerto de *spokenwords*, a recordar os tempos tão, tão longínquos do pós-modernismo - a ter início quando

II voltasse da vertente mais arrojada e arriscada da revolução: a missão de afrontar Marcos, com o objectivo de "cortar o mal pela raiz" e evitar um reacendimento do antigo regime.

A força de controle situacional de Marcos encontrava-se refugiada num forte perto da capital - forte este que tinha servido, em tempos bem, bem longínquos, para manter em cativeiro fortes oponentes do regime que estava prestes a ser derrubado. Chamava-se: Forte de Peniche. E assim foi. II irrompeu na aparente calma, porque atenta, do forte com intuitos pacíficos, mas preparado para o pior, o que acabou por suceder. O combate foi brutal e Marcos quis que fosse, como o próprio designou, à antiga idade quase sem memória: luta corpo a corpo e com paus. Como nos filmes épicos, II e Marcos inevitavelmente enfrentaram-se com admiração mútua, mas com dedicação à sua causa. Assim, nunca houve medo entre os dois. Apenas entrega ao combate. Ligeiramente ferido, II honrou o seu adversário, matando-o. E disse ao grupo derrotado: morreu o bicho, acabou-se a peçonha! Vão para casa. Esperem por tempos brilhantes.

Regressou triunfante. Liderou o concerto organizado (o termo concerto, neste tempo, encerra um outro sentido - significa intervir civicamente) e augurou um futuro radiante para a caninidade, para todas as raças animais, vegetais, enfim, para toda a natureza - uma era de sensibilidade e igualdade

- nesta localidade, o primeiro sentimento foi lançado! O épico Alexandre - que tinha um sonho e não o conseguiu concretizar - e a sua bondade serão honrados; à natureza, será restituído todo o seu esplendor, disse.

Era o princípio do fim. Após mais de cem mil anos (100.000) de humanidade.

Alguns séculos depois, este mundo era mais respeitado.

E assim se viveu o triunfo dos cães, a glória dos cães, o lugar dos cães - e a sua queda.

Hoje, algum tempo depois, o *homo sapiens sapientíssimo factotum* voltou a assumir o comando do barco, sentou-se ao leme e não sabe para onde vai.





MURAL NO MEU ATELIER: «Estado de Emergência / à procura de um rosto para o malvado do Coronavírus», grafite s/parede, 650 cm x400 cm. Residência Artística / Casa do Vinho Verde, Porto. De Agostinho Santos.

## Visitar @ MariaBeatitude



Nesta fase de isolamento, Maria Beatitude propõe visitas virtuais a algumas das suas exposições. A sua galeria virtual está na rede social instagram @MariaBeatitude.

## Visita Virtual ao Museu Soares dos Reis

O Museu Nacional de Soares dos Reis, antigo Museu Portuense e o primeiro museu de arte de Portugal, disponibiliza ma visita virtual neste período de confinamento, até 30 de Abril. Nasceu em 1833 quando D. Pedro IV decide estabelecer na cidade do Porto um Museu de Pinturas e Estampas. O objectivo da sua fundação foi preservar o património artístico proveniente sobretudo dos conventos extintos e, simultaneamente, promover a sua utilização para fins culturais e pedagógicos. As suas colecções e exposições podem ser visitadas sem sair de casa em: <https://artsandculture.google.com/partner/national-museum-soares-dos-reis?fbclid=IwAR3CmIeA-r3TINcUO-zrocqBmdXooDr3klH6B9EfBjYkMFV16dCSO-TV4Aw7E>.



Busto relicário de São Pantaleão



«Passagem»

## Pintura de Clementina A. de Moura

Clementina A. de Moura, natural do Porto e a viver na Bélgica, foi premiada recentemente com o “Oscar delle Arti Visive” - Florença 2020. A pintora escreve, num texto com o título «Escritos» de viagens em pintura: “Porto a cidade que me parecia tão longínqua e ao mesmo tempo me dava uma impressão de casa-minha, tão as raízes familiares são fortes.

E extraindo imagens do meu agora e das minhas raízes, vou procurando no mais profundo de mim mesma a força, a energia que me fazem pintar as emoções do quotidiano. As minhas pinturas são apanhadas do que me rodeia, de sorrisos, de melancolias, de encontros, de alegrias, de sonhos”.

## «Dualidades de um ser» a partir de casa

O Município de Gondomar disponibiliza on-line um conjunto de exposições, que estiveram patentes nos espaços culturais municipais. «Dualidades de um ser», de Margarida Basaloco, abriu esta iniciativa e pode ser visitada a partir de casa até 30 de Abril, a partir de: <https://www.cm-gondomar.pt/eventos/dualidades-de-um-ser-2/> ou em <http://biblioteca.cm-gondomar.pt/In%C3%ADcio/tabid/397/ctl/Details/Mid/1454/ItemID/1234/Default.aspx?SkinSrc=%5bG%5dSkins/Satva/Home-Layout>.

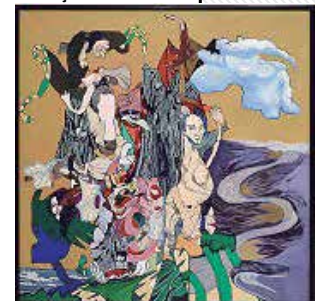


«Ribeira do Porto», 2004.

## Cintilações: obras maiores em visita virtual

Nestes tempos em que as visitas aos museus estão impossibilitadas, o Museu FC Porto disponibiliza conteúdos habitualmente visitáveis nos diversos espaços, como o Objecto do Mês e o Espaço João Espregueira Mendes (EJEM). A visita virtual é possível através da aplicação FC Porto Museu & Tour e da página oficial [[www.museufcporto.pt](http://www.museufcporto.pt)]. Em Abril, o Objecto do Mês é um conjunto de pratos pintados à mão alusivos aos dois jogos com o Villarreal CF na Liga Europa de 2011. É ainda possível visitar a exposição temporária Objecto do Mês - Ano 2019 que percorre as 12 apresentações do Objecto do Mês do ano passado. No EJEM continua disponível a mostra temporária «Cintilações: obras maiores do séc. XX na colecção Ilídio Pinho», agora enriquecida com textos de Miguel von Hafe Pérez, curador do EJEM, sobre cada uma das 24 obras apresentadas e os 18 autores reunidos.

Da exposição «Cintilações: obras maiores do séc. XX na colecção Ilídio Pinho»



## Metáforas de Rosário Roque

Sobre a pintura de Rosário Roque escreveu Ana Pacheco, em 2013: “Transporta-nos ao imaginário dos seus lugares de infância... Através de metáforas revive esses espaços e retrata figuras típicas”. Natural de Vila-Flor, reside no Porto. Participou em mais de 50 exposições colectivas e em sete individuais; está representada na Câmara Municipal de Aveiro, na Fundação A Lord e na Casa Barbot.





Rodrigo Magalhães  
mestre em História da Arte

# A união com o Inominável

"o segredo da teologia é a antropologia"<sup>1</sup>

A essência deletéria que agrilhoa e condena a existência humana ao longo de tempos imemoriais, desde a sua natureza edénica, transportada posteriormente por sucessivas reestruturações de uma constituição perniciosamente inerente, provoca no Homem a necessidade da interiorização de uma intenção transcendental que o promova a esferas superiores metafísicas, regenerativas, capazes de refrear o instinto primitivo para lhe inculcar a necessidade da espiritualização ontológica e reflexiva que a religião germina.

A encarnação da figura de Deus como a luz primeva, consubstanciada pelo ser eleito e supremo, pelo divino mensageiro que aclara a angústia da indefinição e o tormento limitativo da carnalidade humana, parte da essência intrínseca do ser humano. Deus é o ser figurado que emana da nossa espiritualidade e intimidade. Pretender conhecer Deus é ser o escolhido dentre todos através da nossa consciência moral pelo fluxo sentimental que liga a entidade ao sagrado inominado, à entidade donde provém o mistério da eternidade e da possibilidade palingénica da reencarnação. Tudo isto parte da essência interior do homem, como Feuerbach afirma "Deus é o interior *revelado*, o si-mesmo do homem expresso, a religião é o desvendamento festivo dos tesouros escondidos do homem, a confissão dos seus pensamentos mais íntimos, a *proclamação pública dos seus segredos de amor*."<sup>2</sup> Esta ligação possibilita a construção de significação *kairótica* temporal, ao romper com a linearidade da experiência uniforme, na constituição de eventos singulares e irrepetíveis de fervor atemporal e ilimitados de fruição mística. Num universo onde grande parte das acções humanas são identificadas como *vanitas vanitatum et omnia vanitas*, a relação dialógica num plano paralelo diferenciado do mundano, permite encontrar o outro semelhante a nós, mas de natureza divina, porque se somos capazes de criar existência em Deus, Deus é capaz de criar existência em nós. É essa relação de amor infinito que nos transmove do mundano, e alimenta a procura do outro em nós. Eu e tu num mesmo estado, de constância, de harmonia, de simplicidade no mundo, porque ambos somos potenciadores de uma mesma essência. Quem se alegra com a luz, com claridade do dia, da noite, do horizonte ilimitado de pregnancies insondáveis, tem dentro de si a luminosidade, o esclarecimento sobre si e sobre o outro.

A relação com o divino possibilita a consciên-



FOTO: DR

cialização da libertação da alma para a espacialização infinita, para o eterno devir espiritual. A oração que deriva ulteriormente enceta o desenlace narrativo pela onipotência de um e pelo coração chagado que se purifica por outro. O segredo que se confessa, a dor que se manifesta, a exaltação do *eu* pelo ânimo que se demonstra. Esta relação é o acto de amor mais elevado, onde nenhuma objecção exterior nem nenhuma experiência limitativa a podem desvanecer. A linguagem representa então a possibilidade de amor eterno, de entorpecimento das barreiras físicas e a manifestação da essência universal. Um diálogo que se objectiva de si para si-mesmo. Se a natureza se revela impassível frente ao sofrimento, a interiorização do *logos* na alma alumia a representação dos seus desejos purificados. Rilke no seu Livro de Horas designa o *outro* como entidade divina onde postula os seus desejos, receios, venturas por um caminho de intimidade, perto da oração fervorosa, como imagem do eterno sagrado capaz de alentar a referência da personalidade em devir do homem. "Extingue os meus olhos: ainda te posso ver,/ fecha-me os ouvidos: ainda te posso ouvir,/ e sem pés ao teu encontro posso ir,/ e até sem boca teu nome hei-de dizer./ Quebra-me os braços, posso abarcar-te/ com o coração como se estendesse a mão,/ pára-me o coração, o cérebro latejará,/ e se ao meu cérebro deitares fogo então,/ o meu sangue em mim te levará."<sup>3</sup> A infabilidade mística *rilkeana* encontra o caminho em direcção à grande claridade pelo arrebatamento devocional ao *tu* ou ao *outro* inominável sentido como derradeiro impulso vital.

A religião aliada à espiritualidade invoca no homem a cisão material do mundo e introduz na

sua alma a noção de infinito, de perfeição, de objectivação, de temporalidade inversa à natureza. Inspira nele a demanda da perfeição, da obtenção do inalcançável, porque apesar do sopro divino se encontrar dentro da essência humana, as suas criações partem de premissas opostas. Enquanto que a figura divina demonstra a sua total positividade santificada, o homem finito representa a centelha passageira que cintila sobre o universo. Porém, os opostos que se encontram unificados na essência se tornam indissociáveis, e só assim o poderiam ser, porque como entoa S. João da Cruz, "estando ausente de ti,/ que vida consigo ter,/ senão morte padecer,/ a maior que jamais vi?/ Que pena tenho de mim,/ se persisto em me manter,/ que morro por não morrer!"<sup>4</sup> Sem a luminosidade divina, o homem assombra-se na sua nudez, na morte que não morre, na vida que nunca se completa na sua integração absoluta. Como se a natureza ficasse privada do brilho cósmico do desconhecido, e o coração oprimido nunca pudesse confessar aquilo que o atormenta. "Deus é uma lágrima do amor derramada no mais profundo segredo sobre a miséria humana."<sup>5</sup>

<sup>1</sup>FEUERBACH, Ludwig. *A essência do Cristianismo*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 2018, p.5.

<sup>2</sup>Idem, p.23.

<sup>3</sup>RILKE, Rainer Maria. *O Livro de Horas*. Tradução de Maria Teresa Dias Furtado. Relógio D'Água, Lisboa. 2009, p.197.

<sup>4</sup>CRUZ, S. João da. *Poesias Completas*. Tradução de José Bento. Biblioteca editores Independentes. Lisboa. 2008, p.51.

<sup>5</sup>FEUERBACH, Ludwig. *A essência do Cristianismo*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 2018, p.145.





**André Verissimo**  
prof. universitário

## Os sonhos e o espírito

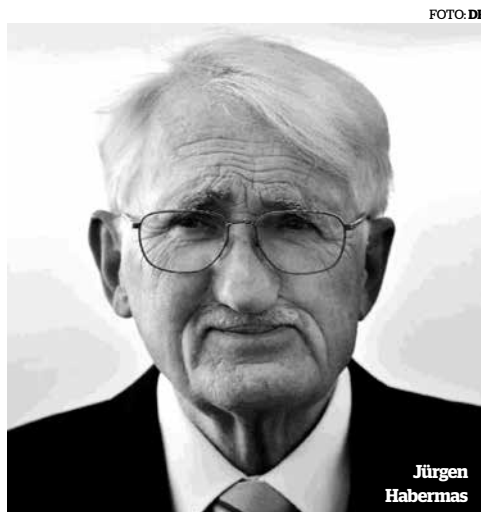
### CAPÍTULO 36:

# Jürgen Habermas: Relacionamento entre Estado e Sociedade

Os diferentes actores colectivos buscariam, indistintamente, instrumentalizar o *espaço público* para a concretização de seus interesses particulares. As formas de acção diversas utilizadas, por exemplo, por movimentos sociais e por grupos de pressão e *lobbies* não indicam tratar-se, em cada caso, de actores de natureza variada. São apenas demonstrativas da existência de diferentes recursos mobilizáveis por cada um desses actores: “As manifestações de protesto [dos movimentos sociais] aparecem como um equivalente funcional para as entrevistas colectivas daqueles actores que já se estabeleceram no sistema de comunicação da esfera pública”. (Neidhardt, 1994:32)

Na concepção republicana, a política apresenta-se como esfera constitutiva do processo de socialização como um todo: a política representa o meio no qual os membros de uma comunidade interiorizam os seus compromissos de reciprocidade para com os outros, constituindo-se dessa forma como cidadãos. O *espaço público* tem, para a visão republicana, uma importância central: aqui esta esfera não representa o campo de disputa por posições de poder como na concepção pluralista, a esfera pública torna-se a arena da auto-organização da sociedade como comunidade política de iguais (Arendt, Hannah, 1993: 59ss). Por isso, o *espaço público* deve ser de tal forma revitalizado até que nele se constituam as bases para o ressurgimento das virtudes cívicas e para a emergência de uma auto-administração descentralizada da vida social contra as tendências de fragmentação e de privatismo (Habermas, 1992b). Para os republicanos, portanto, não há diferenciação normativa e analítica entre os planos da vida social e da vida política: a sociedade deve ser de saída sociedade política. Contra o crescimento incontrolado do poder administrativo e dos partidos que se tornaram caudatários e dependentes do estado, a sociedade deve organizar-se para resgatar novamente o estado e fazer dele uma continuidade inseparável de si própria (Vd. Habermas, 1992a: 360 ss).

O modelo discursivo de *espaço público*, nos termos da formulação de Habermas, dialoga criticamente com as três concepções por este



descritas, descartando alguns dos seus pressupostos, mas retendo delas outros elementos. De acordo com as teorias da sociedade de massas, Habermas reconhece a centralidade dos *media* nas sociedades contemporâneas, relativizando, não obstante, a ideia de um público atomizado e desorganizado que apenas absorve acriticamente os conteúdos divulgados. O autor mostra que o conjunto das possibilidades públicas de comunicação controladas pelos *media* não corresponde a todo o “volume” da esfera pública. Para além do *espaço público* controlado pelos oligopólios da comunicação de massa persistiriam um leque variado de estruturas comunicativas e uma gama correspondente de processos sociais de recepção e reelaboração das mensagens recebidas, cuja existência confere, precisamente, consistência, ressonância e sentido ao espectáculo, ancorando-o, novamente, no quotidiano dos actores. Na ausência de tais processos, as imagens e mensagens, ainda que tecnicamente elaboradas e esteticamente empolgantes, ecoariam no vazio, destituídas de substância e credibilidade.

Não há uma distinção apriorística das fronteiras do público e do privado que definisse de saída os temas passíveis de tratamento político. A esfera pública apresenta-se, na concepção do autor, porosa e ubíqua, perpassando todos os níveis da sociedade e incorporando todos os discursos, visões de mundo e interpretações que adquirem visibilidade e ex-

pressão pública. Ao mesmo tempo, a afirmação da existência de uma no lugar de várias esferas públicas busca, no trabalho de Habermas, fazer jus ao mérito político e normativo atribuído à tal esfera. É na esfera pública que os diferentes grupos constitutivos de uma sociedade múltipla e diversa partilham argumentos, formulam consensos e constroem problemas e soluções comuns. A esfera pública conforma, portanto, o contexto público comunicativo, no qual os membros de uma comunidade política plural constituem as condições de possibilidade da convivência e da tolerância mútua, além dos acordos em torno das regras que devem reger a vida comum (ver Habermas 1996, princ. 156 ss).

Nesta perspectiva o princípio-ponto possibilitador do consenso e das utopias do imaginário social deve, portanto, assegurar que somente sejam aceites como válidas as normas que exprimem uma vontade universal. E o princípio de universalização não se esgota absolutamente na exigência de que as normas morais devem ter a forma de proposições deontológicas universais e incondicionais. De acordo com a ética do discurso uma norma só deve pretender a sua validade quando todos os que possam ser avocados e por ela cheguem (ou possam chegar) enquanto participantes de um discurso prático, a um acordo quanto à validade dessa norma.

O facto é que embora sejam fragmentadas e esporádicas as experiências de constituição do *espaço público*, essas experiências deixam saldos, são cumulativas, impregnam, por mecanismos que não é possível definir, o imaginário político e acabam por oferecer novos e inusitados elementos à nossa cultura política, além de reinventar os padrões de relacionamento entre Estado e sociedade.

Neste processo não há garantias, não há certezas. As experiências de constituição do *espaço público* são fragmentadas, de resultados discutíveis, e por demais “invisíveis”, quando comparados ao padrão geral prevalecente da política. A comunicação que nele se estabelece antes de encarnar o princípio da racionalidade é pautada por toda sorte de idiossincrasias, de argumentos desarticulados, de múltiplas ambiguidades.



Agostinho Fernandes

# Introdução à Filosofia da História

## Oswald Spengler (1880-1936)

Desenvolvimento do seu pensamento

Estudou matemática, ciências naturais e filosofia, história e arte, doutorando-se em Berlim com uma dissertação sobre Heráclito. Como toda a sua geração, sentiu-se fascinado pelas verdades simples e primitivas da existência e pelas grandes personalidades livres de convencionalismos e quase transformadas em símbolos. Neste particular destaca-se Nietzsche a quem se sentia unido por qualidades comuns.

Professor de matemática e estudos estatísticos depressa se incompatibilizou com a ciência exata e passou a considerar-se o último dos poetas e pensadores alemães e a vaticinar que, após ele, nenhum outro apareceria já que, num povo de mentalidade poética e reflexiva, não havia senão técnicos e engenheiros. Introduz assim a filosofia da vida no domínio propriamente histórico dando a este limites morfológicos. Voltou-se então para a tradição da morfologia das civilizações que havia tido precedentes ilustres e numerosos na cultura alemã.

A partir de 1912 e durante a 1.ª Guerra Mundial trabalhou na sua obra “O Declínio do Ocidente”; vivia então pobremente em Munique. Em 1918 escreve “Forma e Realidade”, onde reduz a história a um conjunto de classificações tipológicas e sucessões de formas dentro dum ciclo definido como se de um ente orgânico se tratasse. Em 1922 publica “Panoramas da História Universal” e aqui desenvolve a sua teoria organicista das civilizações com todos os paralelismos conhecidos: “Como qualquer outro organismo, elas amadurecem, desenvolvem-se e murcham”. No final da obra apresenta as conhecidas profecias sobre a desapareção da cultura ocidental. Esta obra, apesar de polémica, melhorou consideravelmente a sua situação económica até uma quase ostentação faustiana, entregue ao gosto de viver. É nesta altura que se interessa pela política e pelos escritos políticos, em particular em “Prussianismo e Socialismo” e “Anos Decisivos” onde ape-la para uma revolução conservadora, que saberá realizar uma simbiose entre o espírito do Estado Prussiano e um socialismo alemão desembaraçado da noção errada da luta de classes. Quando, como filósofo, procurou encontrar os fundamentos seguros da vida compôs “O Homem e a Técnica” em 1931, na qual, contra a Civilização Mecânica exalta a Cultura do

ser humano considerado o mais belo dos animais, sujeito a destino e inteligência humana inventora e ativa. Eis um passo que através de Oswald Spengler permite medir a maré vazia do pensamento alemão em vésperas do III Reich: “Quando chamo ao homem animal de presa, quem é insultado, o (homem ou o animal)? ... Porque as grandes feras são nobres criaturas que atingem a perfeição e que ignoram a hipocrisia da moral humana nascida da fraqueza”.

## O Declínio do Ocidente, 1916, Munique

A sua interpretação da história

Concebida durante a crise política de Agadir a obra foi publicada em 1916; teve pouca difusão inicialmente e não alcançou êxito até 1918, paralelamente à derrota alemã. Era, de certo modo, consolador fazer coincidir, com tendência apocalíptica, a desventura evidente da própria nação com a desventura da Europa inteira, mas, na verdade, o título do livro é mais pessimista que o seu conteúdo.

Spengler começa por fazer a diferenciação entre Cultura, considerando-a como a manifestação espontânea da alma, e Civilização, que é apenas a técnica racional e mecânica. Posto isto, a sua hipótese, exposta com o tom da convicção mais absoluta, consiste em afirmar que na Europa teria terminado a época da sua Cultura e que não lhe restava senão o progresso na Civilização, coisa que, apesar de tudo, representa um novo princípio e não corresponde em absoluto a uma decadência nem a uma perda de potência vital.

Spengler exige depois que se tenha o valor necessário para suportar a visão (que no fundo o fascina e entusiasma) de um futuro construído com cimento armado (parecido ao seu estilo), por engenheiros incapazes já de criar deuses, pinturas, tragédias ou comédias, mas, no seu raio de ação, capazes de uma audácia soberba. Chama a este valor usando uma denominação predileta de Nietzsche: o “amor fati”.

O génio de Spengler alonga-se ainda na descrição das diferentes culturas, sobretudo das mais antigas, a que ele chama “apolíneas” e da europeia que considera (acusando a influência germânica) como um “faustismo”. Tão depressa como fixou o carácter do germe e a entidade de uma cultura pinta, com destreza de prestidigitador, as metamorfoses na arte, na política e nas ciências. Para ele, e isto coloca-



-o entre os relativistas, não há uma verdade absoluta, toda a cultura cria o seu próprio devir: as apolíneas têm-no nas matemáticas e os fáusticos têm também o seu elemento caracte-





FOTO: DR

Oswald Spengler

dros históricos segundo os quais, num dado momento, nascem os deuses de todas as culturas; noutra, as grandes cidades; noutra, o socialismo, os Césares, etc. Está já tudo determinado desde um mesmo princípio. Não há sentido algum para o azar nem para os valores confluentes da vida e das suas combinações. Mas é impossível negar que teve o dom de profetizar os acontecimentos do porvir imediato; em 1916 previu as formações armadas a nível de partidos, a preponderância das massas, a crise do sistema parlamentar na sociedade moderna e a iminência das figuras carismáticas e cesáreas. Foi, pois um precursor dos novos regimes políticos.

### Conclusão Crítica

Esta é a interpretação orgânica ou sociobiológica da história, como é costume designar-se, cujo expositor mais recente é o filósofo alemão Oswald Spengler.

Cada cultura, cada civilização, segundo a tese sustentada por Spengler no Declínio do Ocidente, é um organismo social com vida própria. As características de toda a cultura, em cada etapa sucessiva da sua evolução, são as mesmas da psicologia infantil, juvenil, da idade madura, da velhice e da senilidade. Por essa razão, a sua explicação da história poderia também ser chamada psicobiológica.

O paralelismo é de certo modo exato e Spengler dispõe de um tão vasto arsenal de conhecimentos históricos, que a sua tese resulta impressionante.

A demonstração de Oswald Spengler assenta essencialmente na distinção que estabelece entre a noção viva e orgânica da cultura e a abstração opressiva da civilização. Esta é-lhe inspirada por Wilhelm Dilthey, que já tinha separado os sistemas de cultura das suas formas de organização exteriores, em que os primeiros estavam mais próximos do espírito enquanto os últimos constituíam um grau inferior da civilização. Oswald Spengler contenta-se com aprofundar o fosso entre uma cultura que designa a manifestação espiritual, original e livre de uma comunidade vital e uma civilização de ordem intelectual e impessoal que conduz ao maquinismo e à mecanização total da vida. Mas a realidade é que Spengler não pôde penetrar mais além dos fenómenos psíquicos supraestruturas, chegando até às causas, às próprias raízes de tais fenómenos.

No que se refere mais concretamente à decadência da civilização ocidental, que ocupa muito particularmente a sua reflexão filosófica, está atualmente no seu declínio, apesar de nascida de uma inspiração ao infinito; as grandes criações do espírito apagam-se progressivamente em benefício das conquistas científicas e técnicas; o organismo vivo esclerosase numa organização universal abstrata. Só o cesarismo poderia valer ao Ocidente um úl-

timo florescimento. A dignidade do homem do nosso tempo consiste em resistir heroicamente a uma decadência que, no entanto, sabe que é inevitável.

Se estabelecermos um paralelo entre as filosofias da história de Oswald Spengler e do inglês Arnold Toynbee, ou ainda entre as ontologias existenciais de Heidegger e de Sartre, o pensador alemão parecerá senão mais profundo, pelo menos mais radical e menos preocupado com toda a tradição constrangedora ou simplesmente subjacente. Oswald Spengler só admite oito civilizações e recusa-lhes toda a comunicação recíproca; Toynbee, pelo contrário, inscreve no quadro do seu universo histórico vinte e duas civilizações, prevê possibilidade de contacto entre elas e assegura à religião cristã um destino excecional, libertado das necessidades morfológicas. Também Heidegger, lançado à procura do ser, despreza toda a metafísica ocidental, enquanto Sartre, pelo contrário, parte do ser para a consciência.

Regressando a Spengler poder-se-ia sublinhar que o ponto débil da sua filosofia da história é pretender exatamente que todas as culturas, cuja múltipla variedade inicial se vê claramente, tenham uma forma de desenvolver-se absolutamente idêntica e autónoma. Na verdade, uma coisa é a conceção filosófica de que partimos para a interpretação do facto e outra coisa é pensarmos uma filosofia específica da história que exclusivamente a orienta e ordena. Uma coisa é impormos ao movimento histórico uma ordem interna, uma interpretação unitária que ele não possui, e outra coisa é explorar, nesse movimento, as ideias, as realizações, as estruturas, causas e fins pluralizados que o animaram e, de facto, o ordenaram. A ordem das coisas é diferente da ordem que se pretende impor às coisas. É o princípio ideal que determina a vida humana, e não a vida humana que determina a existência do princípio - eis uma constante quase obsessiva de muitas filosofias da história e da vida.

Não nos inquietemos quanto ao futuro. O cansaço de tantas guerras induz-nos a dar ouvidos a Spengler, na sua profecia de queda e decadência do mundo ocidental. O seu erudito arranjo do nascimento e morte das civilizações em ciclos rígidos é demasiado matemático, e temos a convicção de que o futuro sorrirá de tanta matematicidade. E a civilização não desaparecerá. A civilização não é algo material, inseparavelmente ligado, como servo da gleba, a pontos fixos da terra; é o acumular de conhecimentos técnicos e criação cultural - e, se numa dada região a repelem, esse algo não morre, emigra. E nada mais, além da Beleza e Sabedoria, merece a Imortalidade que perdura.

### Conclusão

ristico; cada uma é como é, não é continuação de outra; de cada vez dá-se a eclosão de uma nova modalidade. Spengler apresenta depois uns quantos qua-



**J. Esteves Rei**  
prof. universitário

# Fernão Magalhães

## A vitória do conhecimento sobre o medo

**1.** Os homens são do tempo e dos lugares em que vivem. Mas alguns fazem mundos, Magalhães é um deles.

É certa a sua ligação ao Douro, ao Norte, ao país, à Ibéria, ao Oriente, mas também à América Latina e a esse mar maior que é o Pacífico que navegou, pela primeira vez. Está ainda ligado a outros lugares, que, no regresso da sua expedição, em 1522, partilharam o espírito magalhânico dessa viagem.

É esse espírito que envolve as Comemorações dessa efeméride. São países, cidades, universidades, empresas, instituições oficiais que se unem para celebrar um homem, um acontecimento, tempos diversos e muitos lugares.

Na necessidade de uma palavra para referir essa riqueza histórica, geográfica e cultural, poderíamos recorrer a “conhecimento”. Um ato banal, mas uma palavra misteriosa. Raramente pensamos nela. O seu objetivo é sempre a compreensão de alguma coisa do mundo, exterior ou interior ao indivíduo.

**2.** No século XV, alonga-se a viagem do conhecimento moderno e da correspondente repulsa dos medos que cercavam o homem e o prendiam ao chão que pisava e ao horizonte em que nascia.

E é o século das Luzes (XVIII), com o desembocar dessa viagem nos ideais da revolução francesa, que consagra a vitória do conhecimento sobre o medo. A viagem de Magalhães, iniciada em 1519, representa um marco importante nas conquistas do conhecimento.

A primeira delas talvez seja o seu acesso à “arara miúda”, à qual pertencia Magalhães, como diria um outro Fernão, o Lopes, criador da historiografia nacional. À época, Magalhães possuía conhecimento de ponta, adquirido em atividades da sua profissão, ligadas ao mar, no Oriente.

O rei Carlos I de Espanha aceita entregar o comando de uma sua expedição a um estrangeiro porque este detinha um conhecimento único e estratégico: a) que dadas terras no Oriente eram do domínio de Espanha; b) que era possível alcançá-las viajando pelo Ocidente! Tenha-se presente que:

“A 7 de junho de 1494, o papa Alexandre VI dividiu o mundo em duas partes, outorgando a parcela ocidental à Espanha e a oriental a Portugal.” (L. Bergreen, “Fernão de Magalhães, 2005).



Mas ao morrer, Magalhães deixa outro conhecimento estratégico: “O planeta é mais água que terra”, o planeta azul. É que até então, a cartografia sempre representara a superfície da terra superior à dos mares, que aprisionavam os humanos no medo!

**3.** Os poetas, num conhecimento intuitivo e penetrante, expressam bem essa realidade: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. / Deus quis que a terra fosse toda uma, / que o mar unisse, já não separasse [...]”. Assim, o lon-

ge, o desconhecido e o medo foram varridos do quotidiano... E os mostrengos, fantasmas e monstros, acantonados no imaginário infantil, virando adulto o ser humano.

Por isso, a cosmologia pessoana prova e explica: “Porque eu sou do tamanho do que vejo / E não, do tamanho da minha altura...” E a confiança do homem em si, livre e sem peias, em qualquer estatuto ou condição, leva-o a exclamar:

“Da minha aldeia veio quanto da terra se pode ver no Universo...”





**Maria Antónia Jardim**  
escritora e  
especialista em Psicologia da Arte

# A espiritualidade é palpável!

É preciso ir além da superficialidade e fazer uma leitura hermenêutica/simbólica do conceito “espiritualidade” para perceber que a espiritualidade, tal como o sonho, é algo “concreto e definido como outra coisa qualquer”... (António Gedeão: *Pedra Filosofa*). Vejamos:

Em primeiro lugar é urgente compreender que “Somos um Corpo”. O corpo é o templo da alma e do espírito que o habitam e portanto o bem ou o mal fazer passam pela acção, pela sua voz, pelas suas mãos... A espiritualidade do Ser Humano exprime-se em actos, actos de fala, gestuais, afectivos, artísticos. Materializa-se cada vez que o Mundo “pula e avança...”; com a imaginação, com a Nona sinfonia de Beethoven ou com a Última ceia de Da Vinci; com revoluções de consciência, com “batalhas” que se travam dentro do nosso corpo, corpo afectivo, erótico (note-se que o corpo faz-se a beijar...), com todos os nossos *Eus*, pois Somos Seres plurais, já nos ensinou o grande psicólogo/escritor Fernando Pessoa!

A espiritualidade “come-se”, “bebe-se”, beija, abraça, desperta, canta Régicamente “Sei que vou por onde me guiam os meus próprios passos”; caminha até santuários como Santiago de Compostela e materializa-se no acender dos círios ao Anjo da Guarda... no exemplo que os pais dão aos filhos... nas histórias com os seus heróis e heroínas que nos encantam e inspiram a sermos melhores pessoas...

“Nada há no espírito que não tenha passado pelos sentidos e pela motricidade. O espírito tende a se conceber como um aparelho analógico do corpo vivo e de sua organização e a conceber os outros corpos como ‘*analogon*’ do corpo próprio. A aquisição das diferenças espaço/tempo, continuidade/ruptura, dentro/fora... pontua essa construção” (Anzieu, 2003). A matéria-prima da espiritualidade somos nós, seres humanos, com os nossos sonhos, sonho de sermos mais e melhores, seres de luz!

Mas será que podemos escolher o Bem ou o Mal? A liberdade é um terreno onde, segundo o filósofo Paul Ricoeur (1969), aparece claramente a dimensão ética do mal, identificando-se em parte com o que habitualmente se considera como “consciência moral”.

Para Ricoeur, o mal é um problema ético. É-o, em primeiro lugar, porque não pode existir o mal-ser, o mal-substância, ao contrário do que afirmava o maniqueísmo. O que existe é o mal fazer, o mal como obra do homem, que resulta do mau uso da sua liberdade. Liberdade e mal estão intimamente ligados. Mas, se a liber-

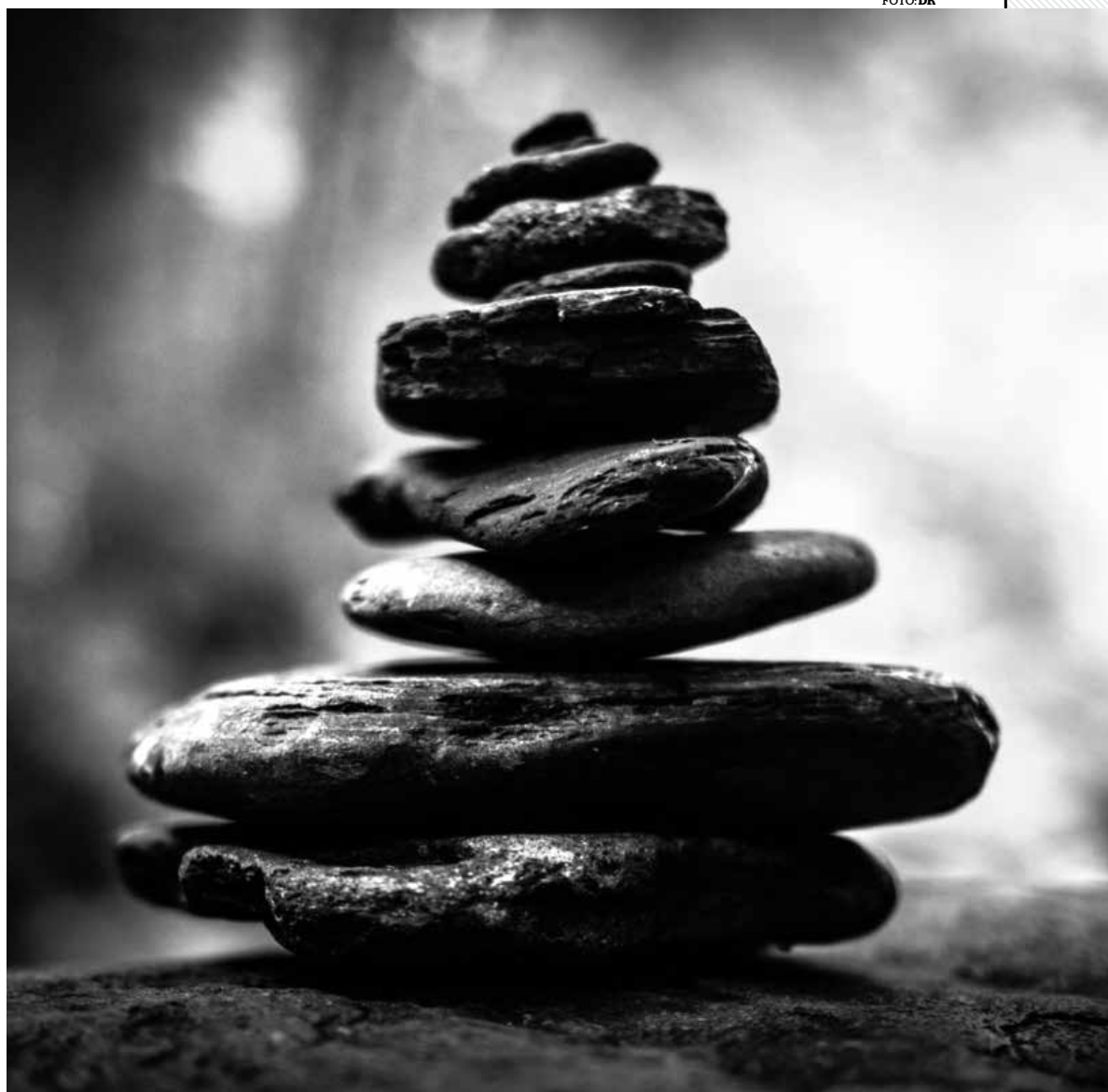


FOTO: DR

dade qualifica o mal como um “fazer”, o mal é um revelador e uma ocasião soberana para se tomar consciência da liberdade.

No entanto, será bom lembrar que cada projecto ético, o projecto de liberdade de cada um de nós, surge no meio de uma situação que é já *a priori* eticamente marcada: escolhas, preferências, valorizações, já tiveram o seu lugar e foram-se cristalizando em **valores** que cada um descobre quando desperta para uma vida consciente. Logo, toda a *praxis* nova está inserida numa *praxis* colectiva, marcada por sedimentações de obras anteriores e pela acção dos que nos precederam. Trata-se de uma situação que tem o seu paralelismo com a própria linguagem. Todo o falar e dizer de novo supõe a existência de uma linguagem já codificada; por outras palavras, isto significa que

não podemos agir, senão através de estruturas de interacção existentes e com uma história própria; o que quer dizer que, mesmo o relacionamento mais íntimo realça de um pano de fundo cheio de instituições.

Os valores não são, portanto, eternas essências, mas estão, sim, ligados às preferências, às avaliações das pessoas individuais e finalmente à história dos costumes.

Será, pois, a capacidade que possuo para me colocar no lugar do Outro (como referiu Ricoeur na sua obra *Soi-même comme un autre*), esse desdobramento, essa alteridade na minha identidade, que vai permitir ao ser humano a apropriação dos valores universais em valores em contexto, para que possamos viver uma sabedoria prática com uma consciência mais evoluída!



**Laura Henriques**

investigadora,  
doutorada em Ciências da Educação

# Relembrando a mulher burguesa do séc. XIX (1820 - 1852)

*"TUDO AQUILO ERA BAÇO E PARDO*

*COMO MUITAS VEZES O É*

*UMA VIDA VISTA DE FORA*

*MAS NUNCA UMA VIDA VISTA DE DENTRO"*

**Marguerite Yourcenar**

Falar da mulher burguesa no século XIX é quase um desafio, até porque segundo Poulain de La Barre "... tudo o que os homens escrevem sobre as mulheres deve ser suspeito..." e consideremos que a maior parte do que está escrito sobre as mulheres, foram os homens os seus autores, tendo em linha de conta a época em causa, como é óbvio.

É nosso objectivo fazer a desmistificação da mulher burguesa, de modo a não nos retermos na aparência exterior, mas sim, aprofundar a sua vivência, e os reflexos que teve na sociedade e na economia, não esquecendo as suas próprias angústias e o sofrer das suas próprias humilhações.

Nos meios burgueses do século XIX em Portugal a imagem da mulher apresenta-se como um objecto de investimento material e simbólico.

Investimento simbólico, na medida em que uma boa aparência constituía um meio de diferenciação e distinção social. O vestuário era um veículo para a valorização de um "status" social. A imagem da mulher era instrumentalizada, ao mesmo tempo que produzia e reproduzia um material distintivo e honorífico demonstrativo de uma capacidade pecuniária, e de uma presunção de determinados valores sociais. Assim, a imagem da mulher burguesa nos meios urbanos, era a imagem de uma mulher inútil e fútil mas ao mesmo tempo dispendiosa e valiosa, fruto da demonstração de uma força pecuniária e ostentatória.

Estava pois destinada à mulher "mostrar" nos mais diversos locais, e sobretudo através do vestuário, a prosperidade do chefe de família. Nos princípios do século XIX, os cânones estéticos são relativamente imprecisos: o corpo fantástico sobrepõe-se ao corpo real. O vestuário feminino permite uma grande flexibilidade e fantasia, ficando a cargo da mulher burguesa "representar" como já atrás ficou dito a prosperidade da classe.

Neste século, o vestuário feminino é valorizado também, enquanto expressão de decência e respeitabilidade. No entanto a moderação no vestir não implica falta de cuidado, o

que seria condenável em todas as circunstâncias, porque é fundamental conservar as aparências...

Como refere Humberto Eco, as vestimentas "descansam sobre códigos e convenções muitos dos quais são sólidos e intocáveis, estando defendidos por sistemas de sanções e incentivos capazes de induzir os usuários a falar de forma gramaticalmente correcta a linguagem da moda".

De referir, que nem tudo são rosas, sobretudo para as modistas... a insaciedade das suas clientes, o desejo de "representação", leva-as muitas vezes a exagerar a moda, e outras a modificá-la. É certo que "tudo" era de acordo com os cânones da época e a imitação do estrangeiro.

Assim no início do século XIX a mulher "sai" para a rua, para os jardins e passeios públicos, aliás, locais privilegiados para a exibição de excentricidades de traje, nomeadamente, as fitinhas e os laços usados na parte de trás da cintura significando "siga-me, senhor", "casa-me papá" etc.

Existia também um precioso adereço - o leque - grande auxiliar de qualquer atitude galante. Ao ser manejado, não só com inteligência, mas de acordo com um ritual adequado, torna-se um autêntico código de mensagens amorosas: Abrir o leque - aceitar; sim/ Abrir metade do leque - silêncio, vêem-nos/ Agitar o leque - poder vir/ Dar com o leque nos ombros - continue/ Leque meio fechado - logo/ Agitar o leque devagar - já tenho/ Agitar o leque depressa - anda tu.

Assim, o leque diz quase tudo e por detrás do qual tudo se diz... ele impera em todos os meios públicos desde o estribo dos coches às frisas douradas de S. Carlos, do postigo das rútuas ao Passeio Público.

Portanto, ali na rua, a mulher burguesa tinha uma identidade de "representadora" e a "representação" precisava de um espaço... era pois a rua por excelência, o palco da mulher burguesa. Para Maffesoli a rua é com efeito "o lugar por excelência da teatralidade onde do-

mina o encontro, onde os acontecimentos e rituais se entrecruzam".

No entanto, na opinião do Intendente Pina Manique estas inovações colocavam em evidência a beleza plástica das mulheres; eram além de "indecentes" iminentemente francesas. Na realidade, no início de século, as mais ousadas modistas usavam nomes franceses, para além de estarem classificadas como sacerdotisas da moda: Madame la Tour; Madame Moreau; Madame Sardin, etc. Pina Manique tentou pôr embargo ao "laconismo" do vestuário feminino e expediu um aviso aos corregedores dos bairros, proibindo que as modistas confeccionassem as toilettes pelos figurinos Parisienses sob pena de prisão no Castelo de S. Jorge.

Existiu, no entanto, um caso especial que gerou uma autêntica polémica, não só para a moda como para as modistas e utentes - as mangas justas - Deu-se uma autêntica "revolução", que levou à execução de um Edital da Intendência Geral da Polícia de 12 de Março de 1804, que proíbe "as senhoras donas modistas de fazerem vestidos a pessoas do sexo feminino de forma que ofendam a modéstia... nada de entusiasmos loucos... nada de revoluções. A lei será respeitada... e o Edital de 1804 cumprido à risca em 1838, se para isso houver motivo. Basta de advertência".

Mas existe uma outra realidade: o luxo dava lugar ao desenvolvimento do comércio interno e externo. No primeiro, podemos observar o "pequeno comércio". De considerar ainda o aumento de postos de trabalho, nomeadamente modistas, costureiras, manufactureiras, etc. O segundo tem a ver com as importações de numerosos artigos de luxo provenientes do estrangeiro. Não restam dúvidas, a burguesia deu novo incremento aos aspectos económicos do país.

De salientar que a mulher burguesa na data referida começa a redescobrir-se... tendo em conta alguns movimentos externos. Porque na verdade, sempre ligada ao homem mas sempre esquecida, a mulher vai lentamente quebrando as algemas...





**A. Campos Matos**  
arquitecto e queirosoanista

# Sobre os alemães



FOTO: DR

Alguma coisa de atávico, profundamente enraizado, contém esta gente, porventura tradicionalmente inculcado na educação, há séculos, que obtém deles uma eficácia sem paralelo - a obediência, que é também, simultaneamente, uma enorme fraqueza que acaba muitas vezes por deitar tudo a perder. É a obediência cega aos superiores, seja em que circunstância for, o que os torna normalmente eficazes, mas vulneráveis, quando é necessário maleabilidade, reflexão e transigência. Suponho que já reflecti acerca deste fenómeno que fez a derrota, na Segunda Guerra Mundial, dos exércitos nazis que invadiram a Rússia, alguns dos quais não tiveram a coragem da desobediência, espedados nas suas posições, obedecendo às ordens de não retirada, foram inteiramente aniquilados, como sucedeu em Estalinegrado. Já referi isto, em artigo de outra obra, citando o comportamento de um colega de origem alemã, da Madeira. Este Y. louro, que aliás falava o português com uma forte carga alemã na pronúncia, não tinha a mais pequena dose de humor. A sua face era muito modelada e seria impensável discutir ou pôr em causa qualquer ordem dos superiores. Passava-se isto por volta dos anos 50, em Évora. Era detestado pelos colegas, que o viam na parada meia hora antes de qualquer ordem, completamente equipado. Tornavam-se frequentes as altercações, que chegavam ao ponto de pancadaria rija.

É bem conhecido o caso do general Rommel, na Segunda Guerra Mundial. Comandante da frente militar que esperava o desembarque dos aliados nas costas da Normandia, deixou-se simpatizar pela liquidação de Hitler que, prontamente, lhe enviou oficiais superiores convidando-o a um dis-

creto suicídio, a troco de salvar a sua família. Rommel não hesitou, cumpriu a ordem acabando por ter um funeral grandioso com honras de chefe de Estado. Antes, escreveu ao filho apontando-lhe a obediência como suprema virtude, e rogando-lhe que nunca esquecesse tal princípio... E, no entanto, poderia ter morto os tais oficiais e voado para Inglaterra entregando a rendição aos ingleses, pois tinha todo um exército que lhe era extremamente devotado. Que aconteceria se tivesse tido essa coragem??? Outros seriam os termos da invasão e a poupança de vidas humanas, mas desobediência era cousa impossível num oficial prussiano.

Há que dizer, ainda, que esta proverbial obediência era apoiada por uma droga, derivada de uma anfetamina, sintetizada em 1938, o *Pervitin*, para fazer dos soldados super-homens, permitindo-lhes estar dias acordados e ajudando a sua fúria e o seu ódio. Só entendi a vilíssima acção dos Stukas, metralhando velhos, criança e mulheres indefesas nas estradas que davam a saída de Paris, depois de ver documentários acerca da acção do *Pervitin* que proporcionava não só o despertar prolongado e anormal, mas também a fúria homicida. Quando os aliados apanharam um avião inimigo carregado com esta droga aprontaram também a sua própria, pelo que tivemos oportunidade de ver exércitos inteiros drogados a combater. Hitler tinha um médico sempre a seu lado que o drogava permanentemente, ora para o espevitar ora para o sedar. No final da vida era uma ruína tremelicante com a doença de Parkinson. Goering era também um viciado inveterado. E assim por diante. Temos pois uma guerra onde imperou por todo o lado o uso e abuso da droga.



**Maria Virgínia Monteiro**  
poetisa

## A Coluna da Virgínia Apontamento 31

... Sobre um outro dia - o tal, o do "onze de Setembro"...

... Tento lembrar-me... e não consigo encontrar a razão pela qual me foi possível observar, na TV, o preciso momento, o preciso cenário, em que esse horror aconteceu!... Esse ataque, esse embate dos aviões (um atrás do outro...) de encontro às torres gémeas!... Com os milhares de mortos que daí resultaram... O inacreditável horror!...

Por qual motivo, com que finalidade, estaria a ser feito um filme, uma reportagem, naquele preciso lugar, naquele preciso momento??...

Recordo-me, sim, do meu total espanto!

Inicialmente, atribuí tudo aquilo que os meus olhos viam no écran da minha TV a cenários fingidos ou histórias de cinema!... Infelizmente, porém, chegou a noção da triste realidade, a vencer esse não acreditar naquilo que os olhos iam observando no pequeno écran do televisor, naqueles tão brutais e tão inesquecíveis momentos...

Por arrasto, esta pergunta: - Que humanidade, a de nós, humanos seres, através dos séculos, assim afirmada?!...

FOTO: DR





J. A. Gonçalves Guimarães  
mesário-mor da Confraria Queirosiana



## Eça & Outras

# O direito a uma boa morte

Recentemente em Portugal voltou a discutir-se a eutanásia, cujo significado é, recorde-se, o «ato intencional de proporcionar a alguém uma morte indolor para aliviar o sofrimento causado por uma doença incurável ou dolorosa», ou «morte medicamente assistida pedida pelo cidadão que a deseja». Na discussão gerada, que levou à aprovação pela Assembleia da República da despenalização do ato médico que a concretiza, e que segue agora para discussão na especialidade até aprovação final, muitas outras definições foram produzidas, muitas delas segundo a “tática do polvo”, o escurecer as águas para esconder as verdadeiras questões, ou a pretensão de que os princípios humanos valem mais do que os humanos que os criam para seu bem. Na realidade o problema é velhíssimo e situa-se em volta de duas questões: o que é a vida e o que nela vale a pena para o próprio, para os outros e para a comunidade; e se o cidadão tem direito a decidir quando deve dela “desligar-se” e se, não sendo de tal capaz por incapacidade física ou mental, pode antecipar essa vontade designando quem por si o faça em determinada altura e condições que o entenda. Creio que estas são as duas grandes questões a debater, sendo o resto “a tinta preta do polvo na poça de água da discussão”. Mas sobre estas duas questões há ainda uma outra que talvez condicione toda a discussão sobre elas: o que é que viemos “cá” fazer, e se a nossa passagem por esta vida deixa um traço efémero ou mais eterno, sendo que este só pode ser concretizado na memória que de nós a sociedade recolha e alimente pelos tempos fora. Recordemos que, mesmo muito poderoso, após a sua morte, não passa de «... uma forma inerte, embrulhada num pano, que cabe num caixão esguio: dois meses rolam, como duas gotas numa vagem, e já nem mesmo se lhe distingue o vulto na vasta impersonalidade do pó!» (Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas* «No mesmo hotel»). Ou seja, todos iguais, todos reduzidos a um montezito de poalha química depois de abandonarmos a vida.

Ao longo da História, muitos seres que de si deixaram famas, outros que nem por isso, foram obrigados a abreviar a vida, quer por batalhas voluntárias ou não, quer por fatalidades



inesperadas, quer por condenações mais ou menos injustas. Nestes casos houve sempre um agente externo a consumir a interrupção vital, um guerreiro inimigo ou um salteador, uma tempestade ou um acidente, um tribunal e um carrasco. Na atual sociedade portuguesa é hoje felizmente rara a morte guerreira e os tribunais já não condenam à morte física; mas ainda é vulgar a morte não prevista provocada por acidentes ou tempestades. A morte por doença súbita ou degenerativa prolongada não devia contar muito para o caso: todo o ser biológico sente, sabe ou entende que, desde que nasce tem um tempo de vida determinado, quer pelas qualidades e defeitos do invólucro corpóreo, quer pelas agressões que o mesmo irá sofrer ao longo da sua trajetória vital. E se é certo que as Ciências Médicas e a Arte da Medicina muito têm contribuído para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos em geral, sempre em nome de princípios universalizantes, quando o seu exercício é confrontado com a vontade individual, aí surgem reticências e medos de punições corporativas, jurídicas e sociais. Não será por acaso que alguns médicos declararam que a eutanásia não era um ato médico.

A eutanásia, em última instância, é um suicídio e a sociedade lida mal com ele. Normalmente mais utilizado por seres excepcionais do que pelos cidadãos vulgares, a não ser em situação patológica grave onde a dor física se tornou insuportável, recordemos aqui os casos de Soares dos Reis (1889, 41 anos), Camilo Castelo Branco (1890, 65 anos) e Antero de Quental (1891, 49 anos): os três decidiram pôr fim à vida com um tiro de revólver na cabeça, por razões que a família e os literatos que fize-

ram as suas biografias se apressaram a justificar, mas que talvez valesse a pena rever à luz da crítica atual e das fontes disponíveis. Outra questão é o tempo de agonia que cada um deles teve, sabendo-se que uma bala na cabeça nem sempre é sinónimo de morte instantânea, havendo até quem escape e recupere das lesões. Mas agonia, isto é, sofrimento físico irreversível, estes três homens maiores da cultura portuguesa tiveram, mais ou menos prolongada. À época não puderam recorrer à eutanásia, e, pelo menos dois, o escultor e

o poeta, foram julgados pela opinião pública como sendo ainda muito novos para desejarem pôr fim à vida. Ninguém aceitou que eles tal desejassem e o concretizassem pelas próprias mãos. Mas todos estaremos de acordo que o que ficou deles não foi tanto esse efémero ato final, mas sim aquilo que viveram transformado em Arte e Literatura, esse seu legado que ainda hoje acolhemos e transmitimos como sua eternidade garantida.

No passado, em certos locais, erguiam-se ermidas ao Senhor (ou Senhora) da Boa Morte, ou seja, da eutanásia, que é o significado radical da palavra, crenças à parte. Afinal porque todo o ser deseja uma despedida da etapa da vida «...sem sofrimento, tão serenamente, que durante algum tempo [alguém o julgasse] adormecido... Não acaba mais docemente um belo dia de Verão» (Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*). Por isso só nos importa desejar que a inevitável morte individual não seja apropriada pelos burocratas, pelos judicialistas e pelos vendedores de quimeras na concretização da lei. Ainda há por aí muito carrasco a querer punir-nos por termos vivido e gostado da vida. Deixem-nos pois morrer em paz, felizes e de bem com a Humanidade, eventualmente com uma pequena, desejada e consentida ajuda. O direito à nossa própria morte é o último bem que teremos em vida.

### Email

queirosiana@gmail.com  
confrariaqueirosiana.blogspot.com  
eca-e-outrasblogspot.com

### Coordenação da página

queirosiana@gmail.com

### Endereço Postal:

Solar Condes de Resende  
Travessa Condes de Resende, 110  
4410-264 Canelas VN. GAIA - PORTUGAL  
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622  
Telem.: 968 193 238





**Mário Moutinho**  
actor, encenador e programador cultura

# Novas e velhas mudanças no tecido teatral portuense

Ainda que tenha suspenso a apresentação de espectáculos e a actividade criativa desde 2016, só em finais do ano passado foi formalizada a desactivação da companhia teatral portuense **As Boas Raparigas vão para o Céu as Más para Todo o Lado**. Com um percurso marcado pela direcção artística inicial de Rogério de Carvalho, fez parte de um grupo de estruturas de criação teatral fundadas por alunos formados nas escolas artísticas do Porto que, juntamente com o **Teatro de Marionetas do Porto** e a companhia **Visões Úteis**, proporcionaram à cidade do Porto, nos anos 90, um quarto movimento teatral pós-25 de Abril, sucedendo às companhias históricas **TEP** e **Seiva Trupe**, às companhias semi-profissionais surgidas em meados dos anos 70 e às companhias profissionais independentes **Pé de Vento**, **TEAR** e **Comediantes**.

Em 1997, no seu texto "Entre a contracção e a expansão: Esboço Crítico de Algumas Convulsões do Teatro no Porto e no Norte de Portugal", publicado em Espanha na revista "ADE", Paulo Eduardo de Carvalho reflectia sobre o aparecimento deste novo movimento criado principalmente pelos alunos das novas escolas de artes cénicas: "*Novidade absoluta no tecido teatral portuense, a emergência destas estruturas de formação não poderia deixar de trazer consequências para o teatro produzido na cidade. A situação paradoxal é que estas estruturas, que, sobretudo no caso da Academia Contemporânea do Espectáculo, absorveram muitos dos profissionais de teatro locais, com carreiras firmadas durante os anos 80, surgiram precisamente numa fase de contracção da produção teatral, devido ao desaparecimento de algumas das companhias que [...] haviam marcado a década anterior. A alternativa para muitos dos jovens formados por estas escolas foi então a de [...] criar estruturas próprias, avançar com projectos autónomos, coordenando as diferentes competências (nas áreas da interpretação, da cenografia e figurinos, da luminotecnia, etc.), quase completamente desligados da geração directamente responsável pela sua formação, quando não em ruptura estética e ideológica com ela*".

Neste texto, Paulo Eduardo de Carvalho refere o desaparecimento de algumas companhias profissionais independentes. De facto, em finais dos anos 90, com excepção da **Seiva Tru-**

**pe**, do **Pé de Vento** e do **Art'Imagem**, que vindo do movimento semiprofissional começava a preparar a profissionalização, as outras companhias foram desactivadas (**Comediantes** e **TEAR**) ou saíram da cidade (o **TEP** saiu do Porto para se fixar em V.N. de Gaia e o **Cena** rumou a Braga). Entretanto, davam os primeiros passos as companhias que viriam a renovar o cartaz teatral da cidade nos anos 90 e que seriam uma referência não só do teatro que se fazia na cidade, mas também do que se fazia a nível nacional, onde se destacaram, para além de **As Boas Raparigas Vão para o Céu e as Más para Todo o Lado**, o **Teatro Plástico**, os **Meta-Mortem-Fase**, o **Teatro Só**, o **Teatro Bruto** e, mais tarde, o **Caixa Negra**, o **ContraCena** e o **Teatro de Ferro**, companhia centrada na criação de espectáculos de formas animadas.

Agora, com o efectivo desaparecimento de **As Boas Raparigas Vão para o Céu e as Más para Todo o Lado**, percebemos que quase todas estas estruturas de criação cénica desapareceram, apesar da qualidade dos trabalhos apresentados e da importância que tiveram na história recente do teatro no Porto.

As escolas de artes cénicas, profissionais e artísticas, não se centraram apenas na formação de actores e actrizes, mas principalmente em formar elementos criativos nas diversas áreas do espectáculo. Mesmo assim, essa nova geração de directores de companhias, talvez por sentirem a escassez de encenadores na actividade teatral portuense, procurou, na medida em que os seus orçamentos o possibilitavam, convidar encenadores exteriores às companhias, por vezes internacionais, no intuito de manter as suas produções num patamar de exigência artística elevado, ainda que, por vezes, tal tenha originado alguma fragilidade na coerência estética dos projectos face à dependência artística dos encenadores convidados. Algumas destas companhias conseguiram sobreviver à hostilização autárquica e a substanciais cortes nos apoios oficiais durante os primeiros quinze anos dos anos 2000, mas acabaram por desistir quando se sentiram defraudadas nas justificadas expectativas abertas com os novos ciclos políticos autárquicos e nacionais. Nesse período, é a resiliência destas companhias, a par do **Teatro do Bolhão** e da actividade de grupos como o **Ensemble**

**Sociedade de Actores**, o **Assédio**, o **AoCabo-Teatro** e o projecto pluridisciplinar **Circolando** que, muitas vezes em co-produção com o **Teatro Nacional de S. João**, garantiram uma programação regular de teatro, atenuando na cidade do Porto, a vulnerabilidade que afecta ainda hoje o dinamismo cultural português e a lacuna cultural imensa que ainda grassa em grande parte do território nacional.

Os acolhimentos e as co-produções assumidas pelo **Teatro Nacional de S. João** permitiram às companhias da cidade a apresentação de projectos em condições técnicas e de produção que autonomamente não teriam possibilidade de realizar, ainda que com carreiras muito curtas, o mesmo acontecendo actualmente nas salas do teatro municipal - e aí com responsabilidades acrescidas - onde as "carreiras" que se resumem, por vezes, a duas representações, dificultando a fidelização de públicos aos diferentes projectos estéticos das companhias.

O teatro no Porto vive um estranho momento de mudanças: há um conjunto de novas estruturas criadas por jovens recém-formados, mas sem espaços para apresentação dado que a cidade não dispõe de salas intermédias para acolhimento destes projectos (um dos grandes falhanços da Porto 2001 Capital Europeia da Cultura); o **Teatro Experimental do Porto** regressa à cidade do Porto, mas têm de abandonar os teatros e os seus espaços de trabalho a **Seiva Trupe** e o **Pé de Vento**; há companhias que apresentam uma assinalável diversidade de propostas, com toda a importância artística e social que isso comporta, como o teatro-circo (**Erva Daninha**, **Radar 360**), criação artística com comunidades (**A Pele**) ou mesmo projectos de teatro de comédia (**Palmilha Dentada**), mas nem sempre com possibilidade de estreitar as suas criações na cidade.

O tempo parece ser de privilegiar os projectos artísticos independentes, mais ou menos pontuais, em detrimento das estruturas de criação de artes cénicas. Não é algo que seja exclusivo da cidade, é certo. Mas é também certo que, ainda que muitas vezes com equipas artísticas muito pequenas, surgiram neste sector propostas artísticas contemporâneas de grande valor e que marcarão certamente a história do teatro na cidade do Porto.



**António Ferro**  
músico

# Ney – O elevador desce ou não desce...

Num dos concertos de Ney Matogrosso no Coliseu do Porto, o espectáculo tinha uma entrada díspar e inusitada! Havia uma escada no centro do palco que o Ney subia de frente para o público, mas de costas para o palco. À medida que se elevava, desprendia uma peça de roupa e no último degrau, dava um passo atrás e sumia lentamente, num elevador eléctrico para o efeito. Falta-me meia-hora para abrir a porta ao público e o elevador avaria... O produtor inquieto, clamava por todos os poros:

- E agora? Onde vou arranjar um elevador à última hora?...

Aproximei-me e chamei o Adélio Torres, aquele senhor de bata branca que normalmente estava na entrada do coliseu. O Adélio começou a trabalhar no coliseu com apenas catorze anos, como pacote, e aos sessenta e sete, deixou-nos sem nunca abandonar o seu maior amor - a sala de espectáculos mais peculiar e com mais história no Porto.

No seu funeral, entristeceu-me a ausência de um representante da direcção do coliseu, mas os grandes produtores (Música no Coração, Uau e Ritmos e Blues) não faltaram... Voltemos ao Ney Matogrosso.

Apelei ao Adélio e expliquei-lhe o problema do elevador. Prontamente chamou o seu braço direito:

- Manel, traz os dois sacos de areia que estão debaixo do palco!

E com dois sacos de areia, furando um deles, conseguiu criar um contrapeso que resultou plenamente. Aliás, inclusivamente desceu ainda mais devagar que o motor eléctrico. O produtor já cobiçava o Adélio para a digressão pela Europa!

A minha mãe estava a passar uns dias na minha casa e foi ao espectáculo. No final, insistiu em ir ao camarim do artista.

- Mãe! Mas queres ir dar um beijinho ao Ney?

- Quero dar dois beijinhos e pedir um autógrafa, para mostrar às minhas amigas!

- Também tu? Não há dúvida que este homem atrai mulheres de todas as idades...

Como é que ele consegue manter aquele físico? O Ney tem uma piscina olímpica na sua casa e pratica cerca de três horas diárias.

Só em 1971, assumiu o seu nome artístico quando foi viver para São Paulo. Para superar



FOTO: DR

a sua adolescência solitária, dedicou-se à música, ao teatro e à pintura.

A convite do seu primo, foi viver para Brasília e trabalhou no Hospital de Base do Distrito Federal, num laboratório de anatomia patológica. Mas o "bichinho" da música e do espectáculo foi mais forte e depois de formar um quarteto vocal, experimento cantar e dançar num programa televisivo. Mais tarde, já no Rio de Janeiro, tornou-se "hippie" e dedicou-se ao artesanato. O produtor musical João Ricardo procurava um cantor com uma voz mais aguda e entrou para o grupo que celebrou - Secos e Molhados. O sucesso foi imediato, vendendo mais de um milhão de discos. As canções: *Rosa de Hiroshima*, poema de Vinicius de Moraes, *O Vira de Luli* e *João Ricardo* e *O Patrão Nosso de Cada Dia* e *Sangue Latino*, de João Ricardo e Paulinho Mendonça, foram sucessos no Brasil, em Portugal e no mundo inteiro.

Ney Matogrosso, pintado, vestido com penas de aves, chifres e pulseiras de dentes de boi, foi uma figura que se diferenciou no espectáculo, pelo seu lado mais extravagante e peculiar.

Ney é considerado um dos principais precursores da *Androginia* enquanto estética de arte,

desenvolvida inicialmente com a *Tropicália*. Expondo o corpo em coreografias arrojadas e electrizantes. Como coreógrafo e iluminador, participou nos *shows*: "Sou Eu" da Simone, "O Tempo Não Pára" de Cazuza e foi distinguido com o prémio "Sharp de Música", com os temas *Ângela*, *Cauby* e *Gilberto Gil*.

No cinema, participou como actor na longa-metragem "Sonho de Valsa" de Ana Carolina e na curta-metragem "Caramujo Flor" de Joel Pizzini. No teatro, actuou nas peças "Somos Irmãs" e "Mistério do Amor".

Em Janeiro de 2011 lançou um registo ao vivo da digressão homónima, em forma de CD ao vivo e DVD. No mesmo ano, participou na curta-metragem "Fca Carla", Um filme, baseado na história de Francisca Carla. Francisca contraiu uma doença tipo lepra que a afastou da sociedade, mas que lhe deu o título de santa e no local da sua morte foi erguida uma capela que rapidamente se transformou num local de culto e oração.

O documentário "Olho Nu" é um auto-retrato que dá a conhecer a carreira do cantor, dirigido por Joel Pizzini. "Sem idade, dribla seus setenta e nove anos e faz acreditar que a eternidade existe, ao menos por uma hora e quarenta minutos".



## «Avanca» apoia nos pós-pandemia

Este ano, e pela primeira vez, o vencedor do Prémio Estreia Mundial do «Avanca - Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia» receberá um prémio monetário de 5.000 euros para produzir o seu próximo filme. Uma contribuição do certame para apoiar a produção de cinema no pós-pandemia. “Numa altura em que, em todo o mundo, se deixou de filmar, este prémio é uma contribuição efectiva e de esperança para os próximos tempos que vão ser obviamente muito duros”. Este ano a 24.ª edição do «Avanca» decorre entre 18, 22 a 26 de Julho, em Avanca.

## «Museus on» em Leiria

Com as portas e palcos fechados por causa da pandemia de Covid-19, os museus, espaços culturais e artistas de Leiria continuam activos online, sobretudo nas respectivas páginas de Facebook. O resultado é uma programação online com “trabalho articulado entre os diferentes espaços”, de modo a que, semanalmente, seja oferecida “uma agenda com actividades diárias e dirigidas a diferentes públicos e diferentes faixas etárias”, diz Anabela Graça, vereadora da Cultura da Câmara de Leiria. Museu de Leiria, Banco das Artes Galeria, mimo, Agromuseu Dona Julinha e Moinho do Papel estão a trabalhar numa programação semanal online, mostrando projectos e património de Leiria em «Museus On».

## Manuais de Leitura do TNSJ online

O Teatro Nacional São João (TNSJ), do Porto, disponibilizou online os Manuais de Leitura, que são editados desde 2003 e acompanham as produções da programação do teatro; têm promovido a formação dos seus públicos através da publicação de textos críticos sobre as peças e os seus autores, de entrevistas com encenadores ou de notas sobre os ensaios dos espectáculos. Os Manuais de Leitura estão disponíveis para consulta e leitura no sítio do TNSJ [<https://www.tnsj.pt/pt/noticias/5716/teatro-nacional-sao-joao-disponibiliza-online-17-anos-de-manuais-de-leitura>].

## Candidaturas para a JOF

As candidaturas para a segunda edição da JOF - Jovem Orquestra de Famalicão estão a decorrer até 1 de Maio. Destinada a jovens músicos do concelho, a iniciativa consiste num estágio de orquestra sinfónica de curta duração que decorrerá de 31 de Agosto a 6 de Setembro e que contará com a direcção artística do maestro José Eduardo Gomes, vencedor do primeiro prémio do European Union Conducting Competition, concurso internacional de direcção de orquestra que se disputou em Sófia, na Bulgária, em Janeiro deste ano. [Informações: [www.famalicao.pt/jovemorquestrafamalicao](http://www.famalicao.pt/jovemorquestrafamalicao); [jof@famalicao.pt](mailto:jof@famalicao.pt)].

## Casa da Arquitectura online

Em tempo de confinamento e quarentena, a Casa da Arquitectura (Matosinhos) reforçou a sua oferta de conteúdos digitais, lançando o canal Studio Casa, dedicado à oferta de conteúdos próprios e exclusivos. Nesta primeira temporada, a casa disponibiliza semanalmente, ao domingo, entrevistas com cerca de meia-hora, a um conjunto de personalidades - arquitectos, artistas e outros convidados que passaram pela casa durante o ano passado -, através do Facebook, Youtube e Instagram da CA sob a hashtag #aCasaemcasa. Ainda na óptica de disponibilizar o máximo de conteúdos digitais, a Casa da Arquitectura disponibiliza uma visita virtual a 360º aos seus espaços e à exposição «Souto de Moura - Memória, Projectos, Obras», através de: <https://www.arquitetura360.pt/modulos/360/projectos/casaarquitectura/index.htm>

## «Desafio Grândola Vila Morena» na Casa Comum Online

A Casa Comum, da Universidade do Porto, nasceu para ser um projecto de promoção de cultura, participado pelos estudantes, docentes, investigadores e colaboradores das 14 faculdades, da Business School e dos 49 centros de investigação da Universidade do Porto. Em tempos de recolhimento, transpôs-se para o espaço ampliado da internet: a Casa Comum Online [<https://up.pt/casacomum/>]; abriu com sete podcasts, mas tem vindo a crescer com o contributo de estudantes, docentes, investigadores, colaboradores e alumni sobre os mais variados temas. E lançou o «Desafio Grândola Vila Morena»: ver em Casa Comum Online a partitura e os vídeos com as quatro vozes da versão coral que Fernando Lopes Graça preparou para a canção de Zeca Afonso e que o CLUP/Coral de Letras da UP ensina a cantar. Depois, cada um que aceitar o desafio deve enviar, para [cultura@reit.up.pt](mailto:cultura@reit.up.pt) com o título Desafio Grândola Vila Morena, um vídeo em que apareça a cantar uma das vozes. A ideia final passa por fazer um vídeo que junte o maior número de vozes de todo o país.

## Candidaturas ao Prémio Carlos Paredes

As candidaturas ao Prémio Carlos Paredes, promovido pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira desde 2003, estão abertas até 30 de Abril. Poderão concorrer as primeiras edições de trabalhos discográficos (cd e/ou dvd), com distribuição comercial, no decurso do ano civil anterior, de música não erudita, que contribuam para o reforço da nossa identidade cultural, nomeadamente os de raiz popular portuguesa. As obras concorrentes devem ser entregues ou enviadas, acompanhadas da respectiva ficha de inscrição, ao Departamento de Cultura e Turismo da Câmara Municipal. [Regulamento: [https://www.cm-vf-xira.pt/pages/864?event\\_id=11289](https://www.cm-vf-xira.pt/pages/864?event_id=11289)]

## Mação lança desafio literário

A Câmara Municipal de Mação, através dos serviços da Biblioteca Municipal, lança um desafio literário neste que é o mês dos Livros - o Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor assinala-se a 23 de Abril. O convite é que façam chegar entre Abril e Maio, um texto, com o máximo de quatro páginas, sobre o tema «Vai Ficar Tudo Bem». Destina-se aos maçaenses, a viver no concelho ou fora. No final, os textos serão compilados, organizados em livro e disponibilizados online. [Contactos: [biblioteca@cm-macao.pt](mailto:biblioteca@cm-macao.pt); mensagem no facebook da biblioteca: <https://www.facebook.com/Biblioteca-Municipal-de-Ma%C3%A7%C3%A3o-987846134613409/>]

## «Sextas trágicas» na Sala Online do D. Maria II

Em Abril, as sextas-feiras são “trágicas” no Teatro Nacional D. Maria II (Lisboa) - «Sextas trágicas» -, com estreias todas as sextas e sábados, às 21 horas. Das tragédias gregas às criações contemporâneas, bem como clássicos da dramaturgia, a Sala Online tem espectáculos para todos. E ainda, em permanência na Sala Online: «A Origem das espécies», «Frei Luís de Sousa», «Montanha Russa» e «Sopro». [Mais informações e programação: [www.tndm.pt](http://www.tndm.pt)]

## «Histórias para ficar em casa»

Em tempo de isolamento social, com toda a família em casa, a Rede de Bibliotecas da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira oferece a actividade «Histórias para ficar em casa». Através da página de Facebook das Bibliotecas Municipais [<https://www.facebook.com/bibliotecas-municipaisvfx/>], de segunda a sexta-feira às 11 horas, os técnicos municipais contam uma história aos mais pequenos.

## Biblioteca de Cerveira agiliza Hora do Conto online

Mantendo alguma actividade adaptada à nova realidade provocada pela pandemia, a Biblioteca Municipal de Vila Nova de Cerveira propõe a dinamização da habitual Hora do Conto em Família, em casa com recurso aos meios digitais. Em cada sábado, às 11 horas, é publicado um conto na página do Facebook da biblioteca, através de um link da plataforma Youtube, e o desafio é que pais e filhos possam ler a história sugerida em conjunto e que criem um elemento interpretativo. No final, são convidados a registar essa dinâmica em fotografia e partilhá-la na página do Facebook da Biblioteca Municipal.

## Artistas de Gaia lançam desafio

A Artistas de Gaia - Cooperativa Cultural, como instituição de incentivo à criação plástica, lançou o desafio a artistas nacionais e estrangeiros para que estes criem arte durante este período de isolamento sob o mote «Coronavírus não destrói a criatividade». O desafio pretende que os artistas participem com obras nas áreas da pintura, desenho, escultura ou fotografia alusivos ao tema «Coronavírus: reacções e consequências». As candidaturas deverão ser submetidas entre 8 e 15 de Julho de 2020, e as criações irão posteriormente ser apresentadas na 4.ª edição da Bienal de Arte Gaia 2021.

## Abertas candidaturas a Bolsas Jovens Criadores

Está aberto o concurso para a atribuição de Bolsas de criação e/ou formação nas áreas de Artes Visuais e Artes do Espectáculo. Com o objectivo de estimular o trabalho criativo dos/as jovens nas diversas áreas das Artes e das Letras, a iniciativa é apoiada pelo Instituto Português do Desporto e da Juventude, cabendo ao Centro Nacional de Cultura (CNC) a gestão do processo de selecção e acompanhamento dos/as bolseiros/as. Dirige-se a residentes em Portugal, de idade não superior a 30 anos, que tenham já apresentado publicamente um trabalho na área em que concorrem. As candidaturas deverão ser enviadas até 30 de Abril. [Informações: alexandra.prista@cnc.pt]

## Abertas candidaturas à «PARTIS & Art for Change»

A Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação "la Caixa" lançam a primeira edição da iniciativa «PARTIS & Art for Change» que distingue os melhores e mais inovadores projectos de inclusão social pela prática artística (artes visuais, performativas ou audiovisuais) "através do apoio a propostas consistentes, informadas e sustentadas, assentes em parcerias e passíveis de avaliação". Podem candidatar-se pessoas colectivas públicas ou privadas sem fins lucrativos, legalmente reconhecidas. O período de candidaturas decorre até ao dia 12 de Maio. [Informações: <https://gulbenkian.pt/grant/partis-art-for-change/>]

## DDD 2020 cancelado

Face à situação de pandemia, a organização do DDD - Festival Dias da Dança - as câmaras municipais do Porto, de Matosinhos e de Vila Nova de Gaia - cancelou a edição de 2020, que se realizaria entre 18 de Abril e 3 de Maio. Assim, a 5.ª edição terá lugar em 2021, de 17 de Abril a 2 de Maio.

## Dia Internacional dos Monumentos e Sítios

A Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), em colaboração com o ICOMOS Portugal, por ocasião da celebração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, que este ano tem como tema Património Partilhado - Culturas Partilhadas, Património Partilhado, Responsabilidade Partilhada, lança o repto para que todos, ainda que em isolamento e separados fisicamente, possam celebrar conjuntamente esta data. Neste sentido a DGPC apela à participação através da partilha de visitas virtuais, exposições virtuais, apresentações, filmes e todo o tipo de iniciativas que possam ser divulgadas online, até ao dia 18 de Abril e que serão posteriormente disponibilizadas online. [Mais informações: <http://w3.patrimoniocultural.pt/dims2020/digital/>]

## Fundo de Fomento Cultural

O Ministério da Cultura, através do Fundo de Fomento Cultural, em articulação com a Direcção-Geral das Artes, disponibilizou a Linha de Apoio de Emergência ao Sector das Artes, integrada no quadro de medidas excepcionais e temporárias relativas à situação epidemiológica do novo Coronavírus - Covid 19.

## Desafio do Lugar do Desenho

O Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende (Gondomar) lançou, através do seu Serviço Educativo, um desafio aos mais pequenos neste período de quarentena. Pede que pesquisem na internet por «Pintor Júlio Resende» e, inspirando-se no universo do pintor Júlio Resende e das imagens que surgirem, que cada um faça um desenho, uma colagem, uma fotografia, um vídeo ou um poema e que o publiquem no instagram. O trabalho deverá ter a hashtag #soupontorjulioresende, identificando a página da fundação @fundacao\_julio\_resende. Quem não tiver instagram, deve enviar o trabalho para o endereço electrónico [info@lugardodesenho.org](mailto:info@lugardodesenho.org). A fundação vai publicando no instagram e no facebook os trabalhos recebidos e posteriormente fará uma edição virtual.

## Prémio de Poesia Joaquim Pessoa

Estão a decorrer, até 15 de Maio, as candidaturas para a 3.ª edição do Prémio de Poesia Joaquim Pessoa. O prémio surge de uma parceria entre a Câmara Municipal de Moura e a Editora Edições Esgotadas, no âmbito das comemorações dos 40 anos de actividade literária do poeta, e destina-se a galardoar, bianualmente, uma obra de poesia escrita em língua portuguesa (inérita). As obras a concurso devem ser enviadas para a editora [geral@edicoesegotadas.com] [Regulamento: [https://www.cm-moita.pt/cmmoita/uploads/writer\\_file/document/5487/normas.pdf](https://www.cm-moita.pt/cmmoita/uploads/writer_file/document/5487/normas.pdf)]

## Bolsa Amélia Rey Colaço

Estão abertas as candidaturas à Bolsa Amélia Rey Colaço até 28 de Maio. Esta bolsa de criação destina-se a apoiar a produção de espectáculos de jovens artistas e companhias emergentes, com o intuito de promover a renovação da criação teatral portuguesa. [Informações: <https://www.tndm.pt/pt/3-edicao-bolsa-amelia-rey-colaco/>]

## «Cuidamos do passado para lhe dar futuro»

A Direcção Regional de Cultura do Norte (DRCN) lançou a iniciativa «Cuidamos do passado para lhe dar futuro». Que, neste tempo de isolamento social, será espaço para partilha de várias peças dos museus geridos pela DRCN sob o mote «Da nossa para a sua casa, cuidamos do passado para lhe dar futuro». A iniciativa pode ser acompanhada no sítio da internet e no facebook da DRCN. [Mais informações: <http://www.culturannorte.govpt/pt/noticias/da-nossa-para-a-sua-casa/>]

## Veja filmes com o Cartão de Leitor

As Bibliotecas Municipais do Porto disponibilizam, a quem tenha Cartão de Leitor, filmes documentais gratuitamente. Basta que seja solicitada electronicamente - [bib.agarrett@cm-porto.pt](mailto:bib.agarrett@cm-porto.pt) - a palavra-passe para aceder em streaming a uma colecção de documentários de Festivais Europeus integrados na plataforma <https://eu.ava.watch/>

## Programa Shuttle apoia seis novos projectos

O programa de apoio à internacionalização artística Shuttle vai impulsionar seis novos projectos. Os projectos apoiados apresentaram candidatura durante a primeira fase do concurso. Agora na sua terceira edição, e com um orçamento total superior ao dos anos anteriores - 50 mil euros -, o concurso continua aberto em permanência até Novembro de 2020 para apoiar a internacionalização de projectos criados e desenvolvidos por artistas e agentes culturais sediados na cidade do Porto e que se realizem até 31 de Março de 2021. As candidaturas devem ser submetidas através do endereço de correio electrónico [plaka@cm-porto.pt](mailto:plaka@cm-porto.pt) e o regulamento e respetivos requisitos para a candidatura estão disponíveis na página do programa [<http://plaka.porto.pt/pt/shuttle/>]. De dois em dois meses, na última semana de cada mês ímpar, o júri irá analisar todas as candidaturas submetidas durante esse período e deliberará a atribuição de apoios.





**Isabel Pereira Leite**  
bibliotecária

## Cidade selvagem

A Vespa avançava, rente ao passeio, não muito depressa. Maria evitava andar de carro nas pequenas deslocações que fazia diariamente.

A cidade era uma selva, cheia de condutores treloucados e impacientes, alguns, até, mesmo desbocados que se pelavam por um lugarzinho mais à frente na fila formada a partir do semáforo seguinte. Grandes riscos e inconvenientes por causa de dois ou três metros eram conquistas, vitórias importantíssimas, já que a vida se media em tempo útil aproveitado até à exaustão.

O comedimento e a sensatez tinham passado a obsoletos. Eram coisas que até os antigos, por vezes, punham em causa... Já ninguém queria saber disso. Considerados entraves, quem ainda se arriscasse a tê-los em conta era, no mínimo, disfuncional e tonto. Ninguém tinha tempo para pensar diferente.

Não era por, na sua Vespa amarela, Maria querer avançar mais depressa que a utilizava. Nada disso! Era mais pela sensação de liberdade com que percorria as estreitas alas que ia avistando entre as filas de automóveis, cada vez mais imponentes, que invadiam a cidade diariamente.

Estava habituada a ouvir bocas, de um modo geral de um gosto duvidoso; mereciam-lhe a importância que lhes costumava dar: um interior encolher de ombros - a reacção que se dispensa aos ditos pouco espirituosos.

Mas, daquela vez, fora diferente. Ao lado dela parara alguém e ela ouvira uma voz que a interrogava: "Dais-me a honra de vos dirigir a palavra?", perguntavam-lhe com um sotaque arrastado.

Apanhada desprevenida, Maria levantara, instintivamente, a viseira do capacete enquanto olhava para a esquerda. E o que via deixava-a boquiaberta.

A característica figura facilmente identificável de D. Quixote, montada num pouco garboso cavalo conduzido com alguma insegurança, indagava de novo: "Permitis-me que vos dirija a palavra?"

Mas o que era aquilo? Maria não conseguia articular um som!

D. Quixote continuava: "Venho a seguir-vos desde que vos vi sair de casa. Apercebi-me de semelhanças extraordinárias com a minha Dulcineia e decidi atrever-me a uma aproximação. O meu escudeiro, que pensa que eu não estou em mim, não quis acompanhar-me, portanto, não tenho quem abone em meu favor junto de vós, o que, pensando melhor, até é capaz de ser preferível. Já que não conheço aqui ninguém que interceda por mim, resolvi abordar-vos directamente". Maria olhava o "Cavaleiro da Triste Figura" (de facto, até o achava bem digno) montado no mirrado Rocinante que não parecia muito satisfeito.

D. Quixote continuava: "A minha Dulcineia não me sai do pensamento. Vejo-a em cada esquina, a cada passo. Quando me aproximo, porém, esvai-se co-

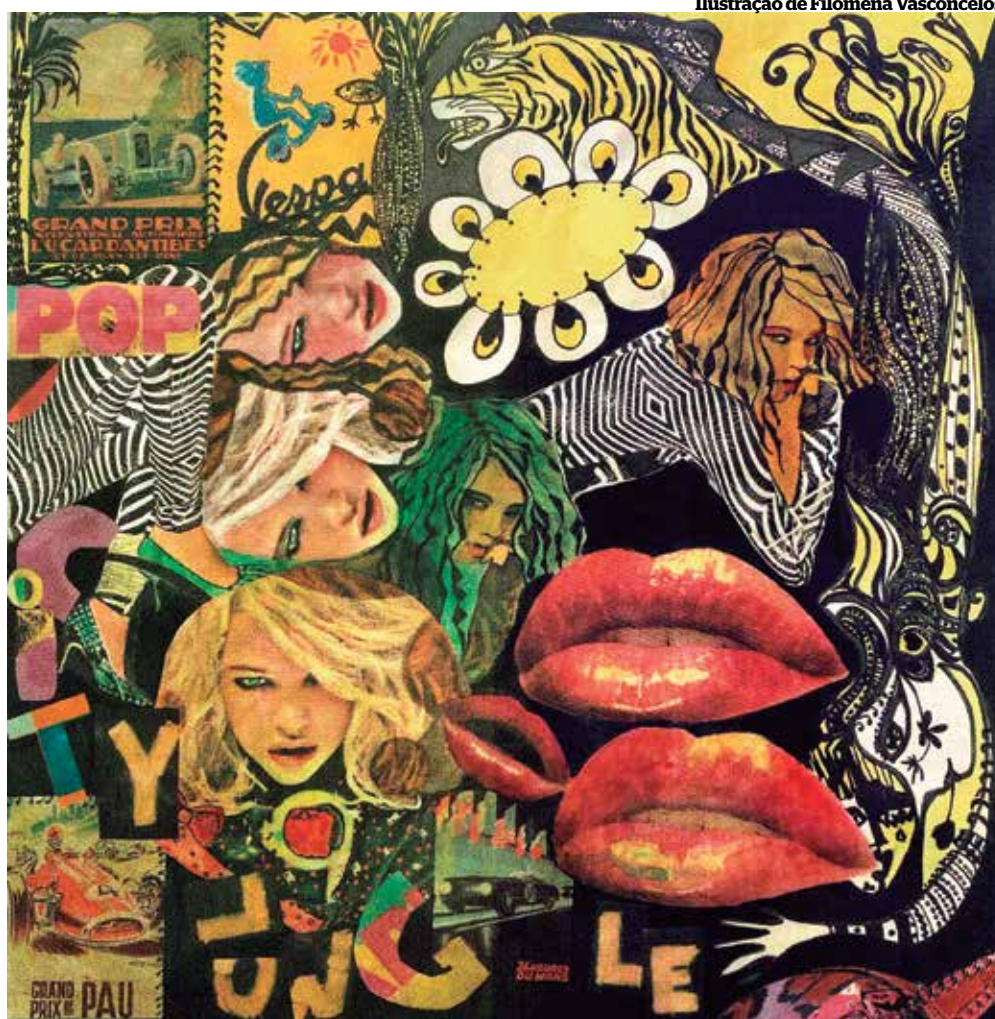


Ilustração de Filomena Vasconcelos

mo se fosse uma miragem. Ainda bem que consegui chegar perto da vossa montada e de vós. Sabei que, embora me julguem alucinado e pouco merecedor de crédito, sei muito bem o que quero. Penso que este mundo se tornou numa espécie de selva, na qual os grandes ideais se perderam. Sei que a tarefa é árdua, mas a minha determinação em restaurá-los não conhece limites. Se tivesse a minha amada Dulcineia comigo seria, porém, menos difícil a investida! Paz, justiça e amor. Luto por isto. Parece assim tão estranho? Bem vejo que vos deixo sem palavras. Talvez não me tenha feito entender com clareza. Dizem que caio frequentemente nesse erro. Enfim, gostava de vos ouvir!"

Maria, simultaneamente crente e descrente no que presenciava, não sabia o que dizer. Também não sabia o que fazer. Começava, aliás, por não saber o que pensar! Que coisa deveras incrível! Ela mesma começava a duvidar do seu próprio juízo, mas a determinação do Cavaleiro era inabalável.

"No caminho para este lugar, fará algumas semanas, tive que enfrentar gigantes que me toldavam o percurso, isto para não falar dos exércitos que, entretan-

to, convergiram na minha direcção. Imaginai o esforço que me foi dado fazer para chegar até aqui!"

Maria não se atrevia a contrariar tal personagem. Lembrava-se muito bem de ter lido, em tempos, um poeta interessante, de seu nome Gedeão. Escrevera este que todos tinham a sua parte de razão, falando, até, de D. Quixote e Sancho Pança: "Vê moinhos? São moinhos. Vê gigantes? São gigantes". Era qualquer coisa deste género. "Pensando bem", reflectiu Maria, "todos têm os seus motivos para agir assim ou assado".

A luz verde do semáforo acendeu-se. Maria imediatamente começou a ouvir buzinas.

Do primeiro automobilista que a ultrapassou, ainda lhe chegou uma graçola: "Para zebra corres pouco... Estás a dormir?"

Quando olhou, de novo, para a esquerda, D. Quixote já lá não estava.

No meio da selva, isso sim, continuavam todos!

PS: Recomenda-se a leitura de "Impressão Digital", de António Gedeão. A bem dizer, partilha a minha gratidão, no que a esta divagação diz respeito, com Miguel de Cervantes.



**CUIDAMOS DO PASSADO PARA LHE DAR  
FUTURO**

**#fiqueemcasa**

ESTAREMOS CÁ À SUA ESPERA!



**DIA INTERNACIONAL DOS MONUMENTOS E SÍTIOS**

não paramos  
**ESTAMOS ON**

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
CULTURA

**CULTURA  
NORTE**